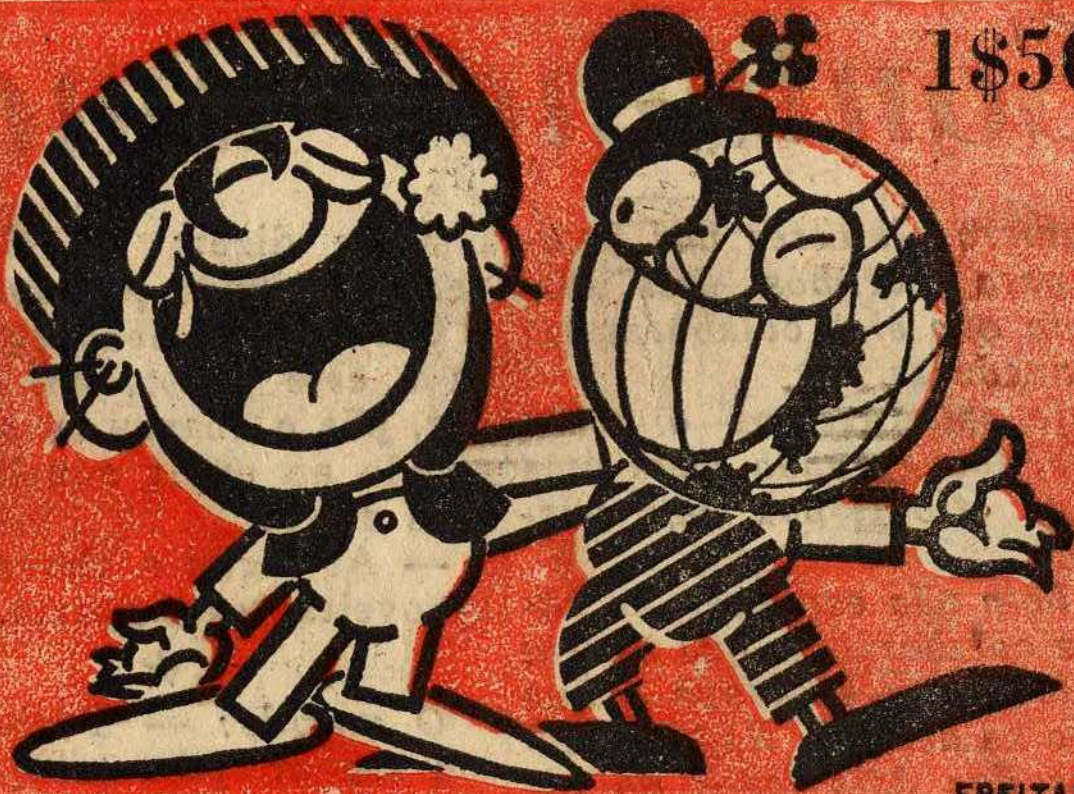


Diário MUNDIAL



1\$50

FREITAS

Director (interino) e Proprietário: Jerónimo Pinteus de Sousa ★ Editor: Francisco Amaral Duarte ★ Redactor principal: Mário de Meneses Santos ★ Redacção e Administração (Provisórias): Rua da Misericórdia, 14—Lisboa ★ Composição e Impressão na Sociedade Industrial de Imprensa—Rua Luz Soriano, 67 ★ Distribuidores: Agência Argos—Rua da Assunção, 42, 2.º—Telefone 20925

PAZ!!! PAZ!!!



— OH ZÉ, QUE ESTÁS TU A FAZER ?
— É UM MONUMENTO À PAZ ACTUAL !

Conte-nos uma anedota

Inumeros leitores nos pediram para abrimos uma secção em que eles colaborassem com anedotas.

Hoje satisfazemos o vosso desejo, inaugurando mais uma secção: «Conte-nos uma anedota».

E' bom não esquecer, ao enviar a colaboração, que devem mencionar no envelope a que secção se destina. Nada de escrever dos dois lados do papel, e... graça meus senhores, sobre tudo graça!

E cá o esperamos... Conte-nos uma anedota!

★

Dois amigos conversam:

— Olha lá. E aquele teu tio rico? Lembrou-se de ti no testamento?

— Infelizmente, lembrou-se. Encarregou os testamenteiros de me cobrarem os 5 contos que eu lhe devia.

★

Num certo teatro, representava-se uma peça, em que a certa altura, um intérprete ti-

A ÚLTIMA QUE NOS CONTARAM

Dois ingleses perdem-se no Deserto, em sitio pantanoso, onde havia uma praga de mosquitos.

Exaustos pelo muito que tinham andado, encontram uma cabana salvadora, e sorri-lhes a esperança de poderem enfim descansar.

Mas os mosquitos mordem-nos em todos os lados — nos que poderíamos citar, e nos «outros», — e eles não acham solução para o caso, até que um tem ideia digna de um Arquimedes: enquanto dormisse um, o outro, á porta da cabana, afugentaria a mosquitada.

Tiram á sorte e quando um deles já está ferrado no sono, o outro, muito «ferrado» pelos mosquitos, vê um pirilampo e grita:

— Eh pá! Acorda, que anda aí um mosquito com lanterna de algibeira, á nossa procura!

inha de dizer: «diminuiu o vento, a chuva passou».

Certa noite, ao chegar a peça a este ponto, um espectral, põe o chapéu na cabeça e saindo ao ouvir aquelas palavras disse:

— Ai parou a chuva? Toca aproveitar esta aberta.

★

O marido: — Tenho agora um senhor para tomar conta das minhas preocupações, mas pago-lhe dois contos por mês.

A mulher: — Mas onde é que tu tens esse dinheiro, homem?

O marido: — Será a primeira preocupação para ele.

★

— Maria! Então você ouviu o Lulu cair e não veio ver?

— Desculpe, minha senhora, mas julguei que era a senhora que tinha caído no degrau...

O doente: — Sr. Dr. eu sem-

★

pre que como ou bebo, sinto umas dores insuportáveis no estomago.

O medico: — Bem. Vá para casa descansadinho, não coma nem beba durante 15 dias e depois venha cá, para eu lhe receitar umas gotas.

★

A filha do prestigitador, apresentando-lhe um chapéu:

— Papá. A mamã manda dizer se pode tirar do chapéu

FLECHAS

HA mulheres cujo coração tem escritos há muito tempo! São como certas casas que apesar de haver inumeras falta, ninguém lhes pega porque a renda é barata mas o trespasse excessivamente caro!

★

«Quanto mais caminho na claridade mais escuro vejo». — Estas não foram as palavras dum filósofo mas sim dum homem que viveu muito tempo no seio do mercado negro.

★

Quantas pessoas não pedem «socorro» no momento em que se estão a suicidar!

★

Detesto ás reuniões familiares e as sessões de espiritismo! Em ambas se fala de coisas futeis e inverosímeis.

★

Se o homem não tivesse inventado a peça anti-aerea, o

uma galinha, pois não tem nada para o almoço.

★

Um amigo discute com outro:

— Parece mentira, João! Negas-me os 20\$00 que te vinha pedir? Tens medo que depois não tes dê? Acaso não tenho cara de homem honrado?

— Tens... sim. Mas ás aparências iludem...

★

— Onde mora o senhor?

— Eu moro na rua dos homens casados.

— Mas cá não há essa rua!

— Há, sim. E' a rua dos Mártires.

★

O criado: — Duas pessoas estiveram cá á procura do sr.

O patrão: — De que sexo eram?

O criado: — Ah! Isso o sr. desculpe, mas não perguntei.

★

Procópio visita o amigo Serafim, homem muito idoso e que se acha doente.

— Como é que tu vais, homem?

— Melhor... muito melhor!

— E como percebes isso?

— Pela cara aborecida que fazem os meus herdeiros.

(Todas enviadas por Eduardo Pinho)



— Apenas tenho vago, o quarto de minha filha!

— O. K.! Caso imediatamente!

(Do «Debout»)

PERCA O SISO LENDO O «RISO»

O melhor semanário humorístico português

RISO LOUCO

A PORTA

O cavalleiro — Faz favor diz-me: é aqui que mora o sr. Gustavo?

A criada — E', sim, senhor.

— E ele está em casa?

— Não, senhor!

— Não está, porquê?

— Porque saiu!

— E porque saiu?

— Para não estar em casa!

— Succede muitas vezes?

— Succede!

— O quê?

— Muitas vezes...

— Quando volta?

— Quando estiver em casa.

— Como chegou a essa conclusão?

— Por dedução.

— Não podia ter chegado doutra maneira?

— Sim. De cómbio...

A porta — Então, quando me dão a «deixa»?

O cavalleiro (para a criada) — Você é estúpida que nem uma porta!

(A porta atira-se para a cara do cavalleiro).

A criada (para o leitor) — A piada toda é que o sr. Gustavo não mora aqui!

Tem dificuldade em adquirir os numeros atrasados de

RISO MUNDIAL

Peça-os para a nossa administração, e envienos a importancia em selos.

SANTOS FERNANDO

Do diário dum optimista

A Traição de Belizário

ELA era deliciosamente parva, lia Veuzit e calcava peúgas. Além de todos estes predicados gostava de suspirar, escrevia versos e era esmerulosa. Chamava-se Ermitéria e namorava furiosamente.

Ele era desportista, com por cento prático em descobrir o enfado de filmes policiaes, sócio do Benfica e empregado nos Corteios... Dava cuspo nos selos e sentava-se em cima dos envelopes.

Ela e Ele amavam-se tanto, tanto que até parecia mal. Quando o destino os afastava, choviam as cartas escritas de quatro em quarto de hora, em todos os sítios e em todas as posições. Eram cartas em pé, cartas deitadas, cartas de cóco-fas...

Mal chegou a estação calmosa, Ela e Ele mais uma vez se viram separados pela força das circunstâncias e da família. Ela foi para a praia, onde deitada na areia olhava para a espuma, para as ondas, para os mastros e pensava n'Ele. Ele foi para o campo, afundar-se na casa da Tia, uma velha que tinha um gato, um cão... e uma quinta que riais tarde havia de ser sua, no dia feliz em que chorasse a morte da dona. Via os nabos, as couves, as vacas e pensava n'Elá...

Ermitéria (Ela) escrevia-lhe longas epístolas, deitada ao sol. E como, geralmente, enchia trinta folhas em todas as direcções, num completo desconhecimento das regras do transito, foi-se queimando até um ponto tal que a pele caiu-lhe em franjas.

E então Ela (Ermitéria) como romântica Max-Veuzitiana que era, teve uma ideia digna dum poeta pindérico. Em cada

carta que enviava, mandava um bocado da sua pele com uma dedicatória mais ou menos nestes termos:

A Belizário
Meu Amor
A pele das costas
(ou de qualquer outro sítio...)
da Tua

Ermitéria

E assim foi correndo todo o corpo, descaçando-se, numa volúpia. Num bocado, escreveu um soneto. Noutro um poema de novecentas e quatro odes. E Bellzário, entusiasmado dizia-lhe em resposta: «adorei tua carta. Manda mais pele.»

E ela continuava a descaçar-se...

Acabaram as férias. O tempo esfriara cedo e tudo regressou a penates. Ele esperava-a na gare, friorento e ansioso. Ermitéria desceu do comboio, correu doida de contentamento. Belizário esperava-a metido num bellissimo casaco impermeável de morena e saudável tonalidade...

— Que lindo casaco tens! E' poto, camelo ou vaca?...

Ele pôs os olhos em alvo e respondeu:

— E' a pele dum animal rarissimo que se cria nas praias... do Alasca.

— Que interessante! Não me arranjas um para mim?

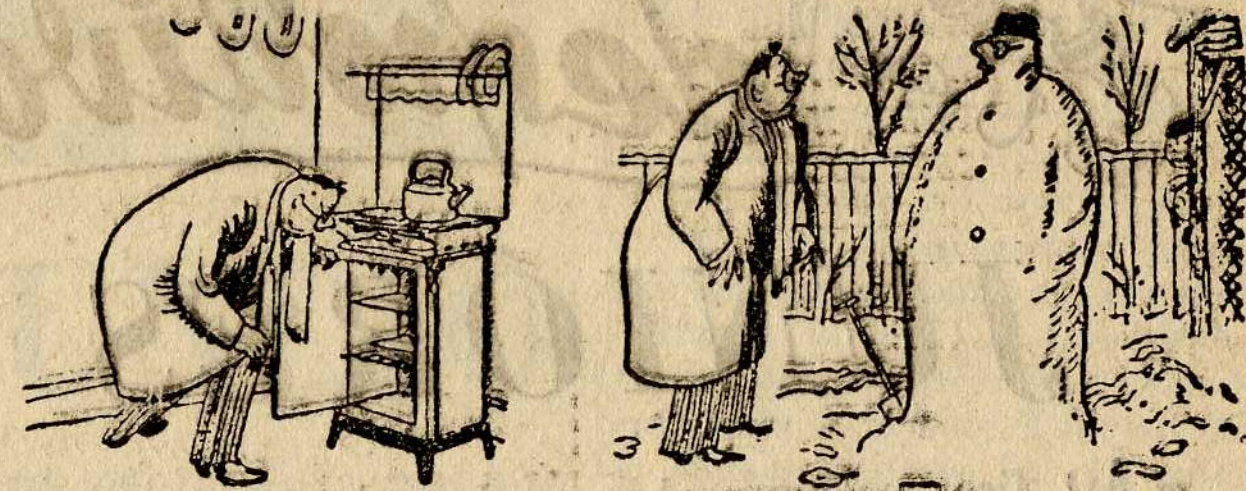
Belizário teve um sorriso misterioso.

— Que ideia, filha! Este bicho só se dá no verão... E para o ano que vem, penso fazer uma gabardine...

D. FERRUGENTO

Atenção Província

Enviem-nos a graça da vossa terra.



A procura do chapéu...

(do «Passing Show»)

POESIAS ALEGRES

TUDO IMITA MINHA GENTE!

NÃO sei de quem descendemos, Não sei, pois, a quem devemos

Uma coisa tão grotesca, Mas julgo que esta mania Que se vê, dia após dia, Tem algo de simiesca!

Quem vê coisa que lhe agrada, Logo com toda a vontade Procura bem imitar, E não contente com isso, C'um a-vontade pestiço Começa a exagerar!

Homem sem ter que fazer Passando, para p'ra ver Um rato morto, no chão: Há dentro em poucos arruado, E o transito interrompido Por enorme multidão!

As estrangeiras, da guerra Fugiram p'ra nossa terra. E, as de cá, mania eterna, Copiaram-lhe o andar, A maneira de trajar, E até o traçar da perna!

E como as viam fumar, Trataram de as imitar Danço-lhes prouto remoque, Embora tal desatino Sendo vicio masculino, As torture e as sufoque!

E como as viam pintadas, Logo todas apressadas Copiaram tais horrores, E hoje trazem, (que mau gesto!) Cara mãos, cabelo e rosto Muito sujo, furta-cores!

E os homens, intrometidos, Vendo uns casacos compridos, Azuis, brancos ou vermelhos, Logo adoptaram p'ra si Uns casacos «á pipi» Que lhes dão pelos joelhos!

E pelo mesmo sistema Copiaram do cinema A cabeleira comprida, Os protectores no tacaõ Para chamar a atenção, E a calça muito encolhida!

Copiam toda a farpela, Com tal ansia que revela Que não tem afazeres E são doentes do caco: — Aos homens desce o casaco, E sobe a sala ás mulheres!

Mais imitam com deleite: Põem no cabelo azeite, Banha, diversas unturas, Embora com tal deslize Mais avolumem a crise No mercado das gorduras!

Agora, que acabar quero, Como sempre fui sincero, Eu faço uma confissão: — Apesar disto que disse, Também faço (que tolice!) Uma grande imitação!

E' isto: — tenho um vizinho Que gosta de entrar no vinho E a casa regressa tarde, E eu dispuz-me, certo dia, A ver o que é que ele faria P'ra lá entrar sem alarde.

E tratei de o imitar, Para, com ele, evitar Da minha esposa a querela, E é isso que eu faço agora: — Descalço as botas cá fora E entro pela janela!

Só a vós isto confesso, E para que tal processo Não vá perder o valor, P'ra que eu o possa fazer Sem minha esposa saber Não me imitem, por favor!

A. SILVA

Pretende ser assinante de **RISO MUNDIAL**

Mande-nos nome e morada para a nossa administração.



O polleia de transito, orientando os «peões» na sua quinta...

(do «Sendagesnisse-Strise»)



JUNIÓRES

NÃO fica mal que abra estas linhas com uma explicação gramatical. Aqui vai: — deve dizer-se «Juni-ó-res», e não «J-ú-niores», como a maioria das pessoas diz. Se assim fosse, teríamos uma palavra «mais-do-que-exdrúxula», que não existe em língua alguma.



«Filho és, pai serás, assim como jogares...»

E agora devo explicar (1) esta explicação (2), explicando (3), que faço parte da equipa de júniores — perdão, de junióres — da tertúlia da Recta-Pronúncia F. C.

E adiante... Queremos notar que hoje há júniores em todas ou quase todas as modalidades — o que é, sem dúvida, uma rica ideia.

De pequenino é que se torce o pimento (só p'a maçar), e assim, os jogadores, come-

DUAS ANEDOTAZINHAS

O Lopes: — Ouvi dizer que as novas máquinas falantes têm uma mola automática para pararem.

O Cunha: — Ah! então minha mulher deve ser dos modelos antigos!

★

— O sr. Rodrigues, desde quando é que é mutilado?

— Desde o dia em que me cortarem o braço, minha senhora.

quando cedo a sua preparação e a prática, podem melhor atingir plano de evidência.

Aos campeonatos de futebol, seguiram-se os torneios de óquei em campo e de basquetebol, para JuniÓres. O Benfica venceu ambos — o que é sinal de que o clube pode bem voltar a ser o n.º 1 de Portugal. Sim, porque os benfiquistas já reconheceram que os «leões» serão os «primeiros». Simplesmente, nesse caso, reservam para si, como diz o jornal «S. L. B.», o título de «ante-primeiros». Boa piada!

E, de seguida, apresentam-se os JuniÓres de óquei em patins — os futuros campeões do Mundo, pela certa. Os atuais «mais-melhores-que-todos», abrir-lhes-ão o caminho.

A coroar todo este movimento, criaram-se, no futebol, as escolas de jogadores — outra iniciativa utilíssima. Sim, porque de pequenino é que se torce a cenoura (isto é que eu sou, hein!).

E' certo que aparecem muitos JuniÓres já com a escola toda — mas mesmo para esses, a «Escola» é útil, para lhes fazer esquecer o que eles já souberem de mais.

Naturalmente, aos jóvens, nessas escolas de futebol, ir-se-á ensinar as novas e muito discutidas técnicas e táticas futebolísticas. Não admira, por isso, que um dia, entre mestre e aluno, se estabeleça a seguinte conversa:

— Diga-me o menino, se faz favor, como se escreve ataque?

— Com W, senhor professor!

— Muito bem! E como se escreve defesa?

— Com M.

— Muito bem, meu menino! Muito bem! Estás aprovado com distinção. Hás-de vir a ser um grande «internacional»...

CARLITOS

MEMÓRIAS DUM JORNALISTA

Inconvenientes de sair mais cedo

Publicamos hoje novo episódio do «Livro de Memórias» de Matias Redondo, incipiente jornalista desportivo, bem conhecido já dos nossos leitores.

No numero de hoje, diz-nos ele que...

«Esta vida de jornalista é um repositório de verdadeiros casos anedóticos, que se nos deparam com frequência — e a principal fonte é, como ides ver, a sessão solene ou quejandas reuniões.

Em episódios seguintes, contar-vos-ei um sem numero de situações engraçadas, decorridas nessas assembleias de clubes desportivos.

Mas claro está que, para delas extrairmos o «humorístico», necessário se torna que a nossa disposição seja propícia. Regra geral, não é. Os oradores, tão pretensiosos como «ôcos», são de fazer fugir. E fugimos mesmo!

Sabidos os nomes da «enti-

dades» que estão na «mesa da presidência», pode muito bem «cavar-se» sem grandes inconvenientes. E' que as sessões solenes são sempre iguais. Impera o «lugar comum»!

As entidades de fora apresentam «sinceras felicitações ao clube em festa» e fazem votos pelas suas «prosperidades futuras». Os da casa agradecem a «honrosa presença de tão distintas entidades» e dizem o que é que está agora a fazer muita falta ao clube, a ver se pega...

Na posse destes dados infalíveis, também eu muitas vezes «cavei» a meio de sessões solenes. Até que um dia sucedeu-me uma fatalidade...

Redigi a notícia nestes termos:

«— No lugar de honra, sentou-se o ilustre sr. X, ladeado pelos srs. A, B e C».

Seguia-se a referência aos discursos e fechava assim:

«— A sessão encerrou-se, no meio de indescritível alegria, em ambiente de verdadeira apoteose».

Foi aqui, no fecho, que eu fui um bocado infeliz. Soube depois, pelos jornais diários, que «ao findar a sessão, o soa-lho caruncho abateu, no meio de indescritível panico, em ambiente de verdadeira catástrofe».

«Morreram 20 e ficaram feridos 57».

RISADINHAS DESPORTIVAS

Explicavam-me a razão da vitória do iate «Senhora da Piedade», na regata oceanica Lisboa-Faro.

A' entrada da meta, todos os demais concorrentes fizeram alas, curvaram os mastros... e disseram:

— Primeiro, as senhoras!

★

Este ano disputaram-se campeonatos femininos de atletismo.

A luta decorreu tão equilibrada que todas as corridas foram ganhas... por dois peitos.

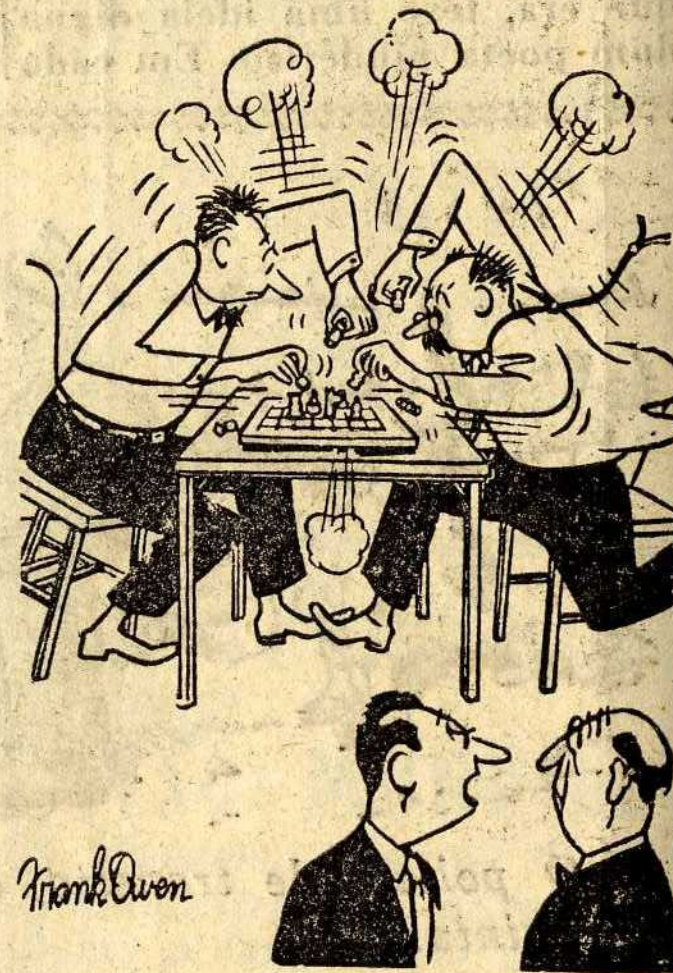
★

Não tenho nada de especial a dizer sobre «luta?-livra!» (ei-la, a piada!), esqui, oquei... nem sobre raguebi (esta «risadinha» foi só para fazer o «chic» «raguebiar»).

★

Os nossos velejadores marcaram em Espanha, á força de «cá-puxarmos» por eles.

Vamos a ver agora se os ciclistas do Benfica no Grande Prémio «marcam».



Frank Owen

O Xadrez, desporto violento...

(Do «Collier's»)



RISO DO PORTO

COISAS DO PAFUNCIO

O Pafuncio, há dias, apa-receu-me todo ofegante, todo indignado, mas intimamente satisfeito e até com uma ponta de ironia, mesclada de orgulho e vaidade, a bailar-lhe numa das guias do bigode, que usa desde que a Natureza lhe fez o presente de três pêlos.

Eu nunca tinha dito ao leitor, mas o Pafuncio, com as ideias de conservador que se ufana de ter, usa um respeitável bigode de reposteiro, o qual, além de defender os seus interlocutores dum hábito século XVIII, tem ainda as grandes vantagens de varrer a sopa e não deixar passar perdigotos pela porta-d'armas, sem dispensa de colher!

— Então, que te aconteceu, amigo Pafuncio?...

— Olha! O de sempre! Isto é: a mim não me chegou a acontecer, porque eu não sou nenhum anjinho...

— Claro! Basta olhar-te para o bigode!

— Mas outro, que não eu, estava estas horas burlado, roubado, *mercadonegado*...

— Mas que foi?

— Ontem, á noite, fiz uma das minhas aventuras e perdi o ultimo «eléctrico». Tu não vás agora contar nada disto á Genoveva, que ela cuida que eu fiz serão! Vê lá!...

— Oh, homem! Está descansado!

— Bom! Tive, pois, de me meter num «táxi». Cheguei a casa e perguntei ao motorista quanto era. «São vinte escudos!» — responde ele. «O quê? E' quanto marca o taxímetro?» «Não, mas depois da uma hora, é mais caro» — diz ele. «Mas quanto marca o taxímetro?» — resmunguei eu. E o homem acendeu a luzinha e reparei que o «táxi» estava em 7\$40. Dei dez escudos e dispus-me a sair.

«Então, o senhor só paga metade?». E eu então, diz cara de mau e respondi: «Já lhe dou mais que o devido. E anda V. com muita sorte, porque eu sou fiscal e podia-o meter na cadeia, seu tratante». E puxei da carteira para intimidar o homem...

— Pois tu fizeste isso, Pafuncio! Então tu não vez que quem podia ser preso eras tu?!...

— Pois sim! Mas o homem mal ouviu falar em fiscais, de-

sandou logo!... Se eu não fosse esperto...

— Sim! Realmente tratada desse senhores continua. Mas, se tudo correu bem, porque é que ainda estás tão indignado?

— E' que, ao tirar a carteira do bolso, deixei, sem dar por isso, cair dentro do carro o ordenado inteirinho, e a Genoveva anda desconfiada com isto do serão e julga que gastei o dinheiro com uma «fufia» qualquer...

NOTAS & ECOS DA RIBALTA

«Passarinho da Ribeira, Não sejas meu inimigo...»

...e diga-se a verdade: o Passarinho não foi inimigo do público. Proporcionou-lhe um espectáculo bastante agradável, benza-o Deus. E' certo que não se olha á técnica, pois o «Passarinho da Ribeira...» não é verdadeiramente uma opereta, como se anuncia. Ou melhor: é uma opereta com técnica de revista e, até em certas passagens, com um leve sabor a «zarzuela», como no «côro das bisbilhoteiras» e noutros pontos. Também pode ser que seja uma revista com técnica de opereta, pois não lhe faltam rúbulas, couplets, quadro de comédia e até uma atracção, que só assim se pode chamar aquela fadista que, na primeira, se fartou de atirar beijinhos ao público... Enfim, é uma peça a que se pode aplicar a cantiga:

...pode ser que ela seja uma opereta, mas também pode ser que não [seja...]

O que ela é, diga-se de verdade, é um espectáculo divertido, alegre, e..., e vamos indo que já é alguma coisa!...

★

Estreou-se no Passarinho, e num papel de responsabilidade

FACTOS FEITOS

Gulmarães, o berço da nacionalidade, onde nasceu D. Afonso Henriques, que se andou a treinar na escalada da Penha para tomar Lisboa aos mouros, festejou, novamente, com desusado brilhantismo, o seu santo predilecto: S. Gualter.

Este ano, o grande atractivo das tradicionais Gualterianas, foi sem dúvida a Praça de Touros, que os vimaranenses construíram num tempo recorde: 4 dias e meio!!!... Calculem! Quatro dias e meio para construir uma Praça de Touros! Só no Porto, anda-se há 45 anos ou mais para construir uma... e nada! Ah! Que grande razão têm os lisboetas em nos chamarem bairristas em demasia! Pois nós, depois disto tudo, ainda somos capazes de dizer que o Porto é a segunda cidade do País!...

Um vimaranense:

— E é, porque Guimarães é a primeira!...

★

Os S. T. C. do Porto puzeram cá fora um novo tip de carros electricos anti-borlistas, muito asseados, muito originais e muito bonitos. O melhoramento é importante, sem dúvida, mas... põe os serviços em cheque, porque quando um desses carros passa por um dos antigos, é que nós notamos a porcarias que estes têm e que nós, com o hábito, nem notávamos já!...

**HABILITE-SE
A 1.000\$00**



— Tu sabes que horas são?
— É uma!
— Mas o relógio bateu três badaladas!
— Não faças caso; é... gago!



AMERICANICES

O "FORASTEIRO E O CICERONE"

por MARK TWAIN

QUERO dizer algumas palavras sobre Miguel Angelo Buonarroti. Admiro há muito tempo o génio possante deste homem, grande de na poesia, na pintura, na arquitectura, na escultura, grande em tudo que fazia. Porém esta não é uma boa razão para que me sirva de Miguel Angelo em todos os molhos, pela manhã, ao almoço, na merenda, ao jantar, com chá entre as refeições. Em Génova todas as obras de arte são dele, as de Milão são dele ou dos seus discípulos. Fez a planta do lago de Como. Em Florença todos os quadros e todos os monumentos são obra dele. Se por acaso alguma coisa não foi feita ou pelo menos desenhada por ele, ia admirá-la tristemente, sentando-se numa pedra; e mostram também a pedra ao viajante.

Daniel, o meu companheiro de viagem, falava outro dia a um guia: — «Basta, basta! Nem uma palavra mais. Ou pelo menos resume tudo e diga também que o Criador fez o mundo baseado no projecto de Miguel Angelo. Buonarroti!»

Jamais experimentei uma alegria tão profunda, tão cheia de gratidão, uma impressão de calma tão pura como quando me disseram que Miguel Angelo era morto.

Todo o dia o cicerone nos conduziu através de quilómetros de escultura e de pintura nas grandes galerias do Vaticano, através de quilómetros de escultura e de pintura em vinte outros lugares diferentes.

E sempre Miguel Angelo. De maneira que, no fim, desesperados, decidimos fingir de estúpidos; coisa que até hoje nos tem permitido triunfar, com as nossas indagações idiotas, sobre tantos guias teimosos. Certa gente nada suspeita e não tem ideia alguma da ironia.

O nosso guia mostrou uma estátua.

— E' de bronze — disse. Olhamo-la distraidamente e o doutor perguntou:

— E' de Miguel Angelo?

— Não, o autor é desconhecido.

Depois conduziu-nos ao Foro Romano. O doutor indagou:

— E' de Miguel Angelo?

O guia sobressaltou-se.

— Não, não. Muitos séculos antes de Miguel Angelo.

Um obelisco egipciano:

— Miguel Angelo?

— Oh! Meu Deus, senhores!

Dois mil anos antes do seu nascimento!

Em Génova os guias são felizes

todas as vezes que devem conduzir americanos, porque a cidade é cheia de recordações de Cristóvão Colombo, e os americanos, naturalmente, mostram-se entusiasmados a esse respeito.

O nosso cicerone estava louca-

mente excitado; parecia que engulira alguma coisa elástica.

— Venham, senhores, venham,

— gritava — Mostrarei uma carta escrita por Cristóvão Colombo.

Uma carta escrita por ele, pelo seu próprio punho. Venham depressa!

Os olhos do guia brilhavam.

Pôs-se a saltar á nossa frente, indicando o pregaminho.

— Como dizia, senhores? Vejam!

Escrito por Cristóvão Colombo, de mão própria.

Tínhamos um ar indiferente e distraído. Todavia o doutor consentiu em apanhar o documento, e examinou-o com escrupulosa atenção.

— Ah! Ferguson? Não, não é este. Repita o nome do indivíduo.

— Cristóvão Colombo. O grande Cristóvão Colombo!

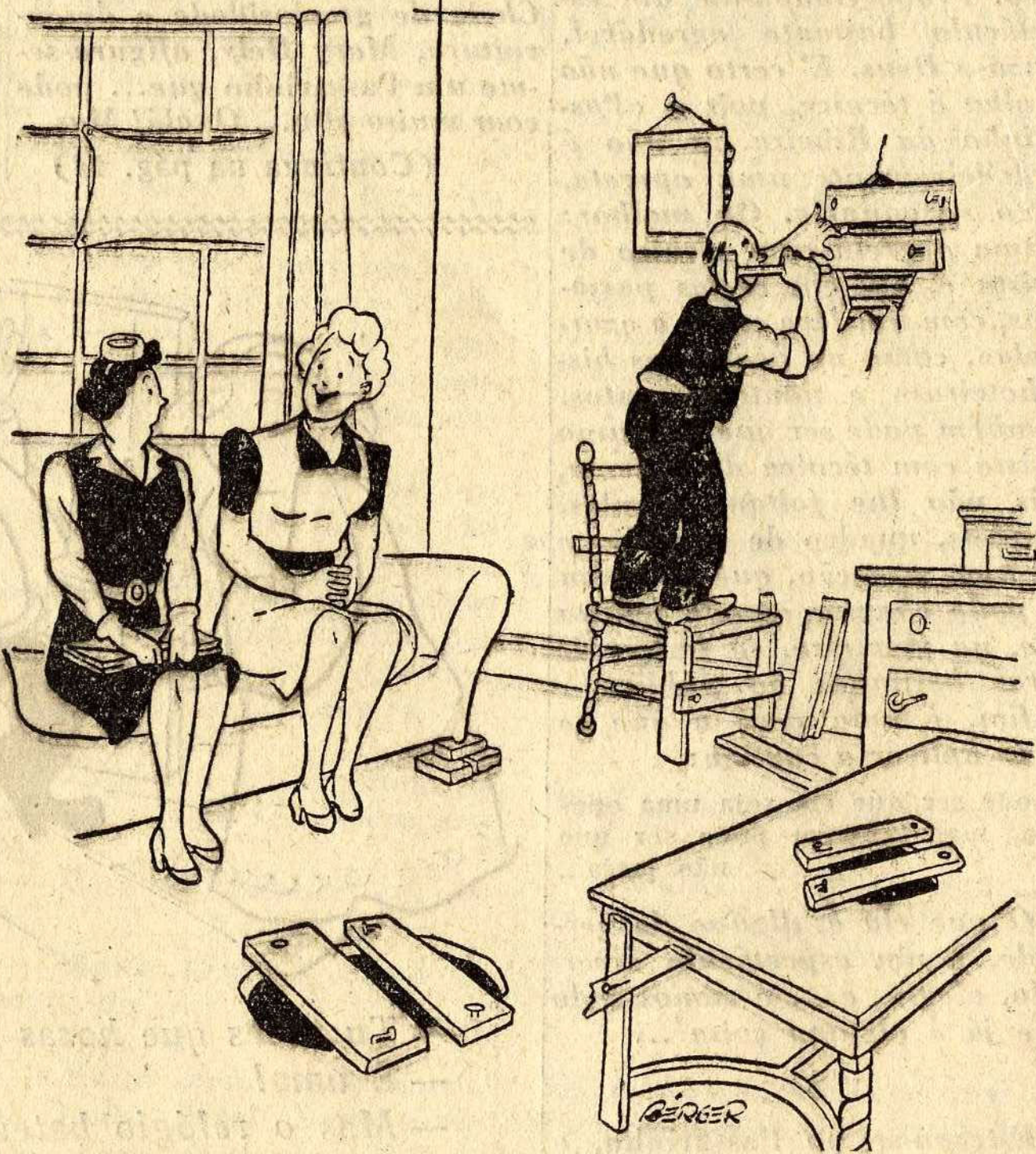
Outro minuto de minucioso exame.

— Ah! E você diz que foi ele quem escreveu isto? Pelo seu próprio punho!

— Pelo seu próprio punho! O grande Cristóvão Colombo! E' um autógrafo autêntico!

Então o doutor largou o do-

(Continua na 15.ª pag)



— Estou radiante com o meu marido! Gosta de ter o lar, bem conservado... (Do «Collier's»)

NA cidade de Novo México, existe uma senhora de 75 anos, que casou treze vezes. Todos os maridos se divorciaram, alegando «crueldade mental», aos juizes dos tribunais.

Uma vez, em Hollywood, Clark Gable, foi obrigado a dormir no «studio», pois tinha filmagens de madrugada.

Uma admiradora do artista, que era figurante do filme, apanhou-o a dormir e com uma «gilette», tratou de rapar-lhe metade do bigode para levar para casa como reliquia. Levou meia-hora a rapar-lhe meio bigode, com um cuidado extremo, para que ele não acordasse.

No fim do trabalho, Clark Gable, disse-lhe com os olhos fechados:

— Arranque a outra metade. Esse bigode é postiço!

Consta que a «Cola-Cola», o famoso refrigerante 100 % americano, recebeu o baptismo da seguinte forma:

O seu inventor era chefe dum escritório donde desapareciam, frequentes vezes, os frascos de cola. O mais estranho é que isto se passava de noite, o que acabou por obrigá-lo a tomar uma resolução:

fazer sentinelas ao escritório durante a madrugada.

A esposa do homem, desconfiou daquela ausência e não acreditando na verdade com que ele a justificava, foi uma noite verificar a actividade do marido.

Chegou lá e perguntou-lhe: — Então a cola?

— A cola? Estou á coca... E como ele para se distrair inventara um refrigerante, pôs-lhe o nome de «Coca-Cola».

— E quem roubava a cola? — perguntarão os leitores.

— A cola?! Ah, isso não interessa... O escritório já deixou de existir. Agora é uma fábrica de refrigerantes...

Numa pequena cidade do Estado de Indiana havia uma feira.

Uma das barracas era anunciada á porta, em altos berros, por um empresário de circo, vestido com um fato muito excêntrico:

— Venham ver, meus senhores! É entrar! É entrar! A oitava maravilha do Mundo! Um homem vivo, com cabeça de mulher!

Os curiosos entravam. O tal fenómeno lá estava a um canto e a outro canto uma mulher. Na parede um letreiro:

«São casados. Ele tem cabeça, mas quem pensa, resolve e manda, é a cabeça da mulher...»

ANEDOTA AMERICANA

A senhora Pickles dá uma festa nos seus salões, para apresentar a filha que atingiu a maioridade, á alta sociedade nova-iorquina.

A certa altura, faz-se silêncio na sala e o olhar dos convidados fixa-se na escadaria por onde desce um exemplar «yankee», digno da capa dum magazine.

Os vários pretendentes endireitam os colarinho e puxam as mangas das camisas engomadas. A pequena dá a mão á mãe e mantém uma «linhaça» imperturbável. E' uma estátua de ingenuidade e de beleza.

Começam as apresentações. Lady Bartworth, apresenta-lhe o filho, um rapaz louro, corado, envergonhado, mas com uma figura de atleta.

Então, a ingenua estátua, vira-se para a senhora e diz-lhe:

— Lady Bartworth: um filho destes, não se traz á rua. Põe-se numa redoma, ou guarda-se num cofre forte.

MEMÓRIAS DA MINHA MOCIDADE

II—PRIMEIROS PASSOS...

por M. M. S.

COMO toda a gente que se preza, comecei por andar de gatas, — isto muito antes de «andar ás gatas» —, o que é lógico...

Aliás, ainda hoje mesmo, vergado pelo peso do trabalho, do qual litros e litros de suor são testemunhas oculares (uso óculos...), continuo a andar de gatas, posição incómoda a que há muito me habituei.

Ao tempo, era meu companheiro de infancia, um cão «pekinois», esses cães com focinho de japoneses, que se andassem na rua a vender colares e bugigangas, passariam por filhos do Celeste Império.

Dividíamos o nosso tempo em duas tarefas principais: uma, dormi, a outra um jornal infantil, com edição em língua canina e língua de trapos, cujo título era: «O Chichis».

De tanto fazer «Chichis», (o jornal era diário e tinha várias edições), os meus pais julgaram que eu seguisse para cabeleireiro de senhoras, pois os «chichis» em 1922, estavam na moda.

Um dia, o meu companheiro morreu. Foi o primeiro golpe que sofri na vida, porque o segundo, só veio anos depois, num dia em que andava nas rochas da praia, a apanhar mexilhão.

Passei o seu nome para fundador, no cabeçalho do

jornal, e na primeira página, com uma fotografia a duas colunas e entre filetes pretos carregados, fiz a notícia fúnebre.

Sózinho, a vida para mim era um desagradável passatempo e daí a razão de me terem contratado uma «fraulein», para me entreter e me ensinar a sua língua.

Eu sempre detestei a fala alemã. A ama, era arrevezada em excesso, e as palavras saíam-lhe da boca, como flutúncias duma velha a precisar de comprimidos de carvão. Não lhe fixei o nome, mas pela maneira tão assídua que usava para vigiar todos os meus passos, deve ter subido no seu país, a guarda de campos de concentração e medalhada com todas as honras militares, durante esta última guerra.

Julgo que nasceu desse con-

vívio o meu ar de ditador de que se queixam os redactores cá do jornal. Lembro-me que comecei a mandar nas sopeiras e abusar... da minha situação de filho do dono da casa.

Mas tempos depois a alemã foi devolvida ao remetente, metida num envelope, e a minha mãe começou a falar-me em francês e inglês.

Aprendi o português muito tarde e ainda hoje pouco ou nada sei, como demonstram as fotografias juntas. Baralhei as outras línguas, detestei-as e até a língua de vaca odiei com um ódio do tamanho daqueles que o Olímpia empregava para os cartazes das fitas de «cow-boys».

Aos quatro anos de idade, aprendi a ler num prato de sopa, que tinha todas as letras do alfabeto. Quando o prato se partiu, dei «sopa» no alfabeto e passei á cartilha maternal.

Depois, aprendi em piano o «Nini e Bébé», uma valsa que eu tocava tão mal, que chegaram a pensar em levar-me para os microfones da Emissora, do que desistiram depois



— E' caríssimo! Cinco dolares por levar esta «insignificancia»... Que barbaridade!

— Case-se comigo, minha senhora, e levá-las-ei de borla!

(Do «Life», Nova York)

de chegarem á conclusão que ela ainda não existia...

Entretanto, a minha prima... Bem, deixemos isso para depois...

No próximo numero: A «Escola» que eu tinha, antes de ir para a escola...

O «RISO NA PROVINCIA»

ÁGUEDA

ECOS

HA dias, por volta das 2 da manhã, vários indivíduos pretendiam entrar na Relojoaria do Sr. Gaspar Coelho, para o que estavam forçando a porta daquele estabelecimento. Porém, a mãe daquele comerciante ouvindo o trabalho, veio á janela, os visitantes afastaram-se. Logo correu a notícia de que a Relojoaria estava para ser assaltada. Nada disso! Nós podemos afirmar que aqueles Srs. desejavam apenas saber a hora exacta, pois o sr. Gaspar Coelho é o agente oficial do Omega (Estê anuncio devia ir parar ás Vítimas da Semana).

— Encontra-se na cadeia desta vila, um ex-empregado do industrial Sr. Valente de Almeida, que exercia as funções de «Caixa». Usando de um processo científico, aquele empregado tinha já desviado, isto é, enviado para destino desconhecido a quantia de 12 contos de reis. E' pena que pessoas destas sejam encerradas em calabouços, quando

muito havia ainda a esperar das suas faculdades.

— Disputaram-se na piscina fluvial várias provas de natação entre o Nautico Aguedense e a Associação Académica de Coimbra. Os rapazes da Briososa gabaram imenso a nossa piscina, dizendo que até dava a impressão de ser marítima, visto a água ser salgada. O que eles não sabiam é que isso foi conseguido temperando o rio com a água das lavagens da sardinha, ali na praça do peixe.

— Celebrou-se missa por alma da Musica de Agueda, há anos falecida no maior abandono.

— Numa das barbearias desta vila, encontra-se afixado um papel com os seguintes dizeres: — «ULTIMO AVISO». Estou em cobrança esta semana de todos os débitos dos meus fregueses. Depois encerro todas as contas». Um dos fregueses que tem a conta por liquidar, e que não tenciona pagá-la, entra na barbearia, e ao ver o aviso exclama: — «Ainda bem que é o ultimo, pois não me largavas um momento; p'rá semana passo a cortar a barba duas vezes».

Zé do Vouga



— Aquele teve muita sorte!

— Com quê?

— No tempo do Mercado Negro, passava azeite na caneta de tinta permanente...

Dicionário de João Fernandes

por
Gomes de Amorim

Abaixar-se — maneira de poder andar seguro por caminhos difíceis.

Academia — Cozinha literária e científica, da qual nem todas as comidas são gratas ao paladar.

Actriz — Espelho de reflectir paixões. Flor artificial.

Advogado — Actor que representa autos.

Algodão — Matéria prima da beleza plástica. Tranquilizai-vos, senhoras; todos fazemos de conta que não percebemos.

Ama — Caricatura da maternidade.

Amar — Sofrer, desde a dor de cotovelo até à cólica do medo. Prelúdio de bebedeira.

Ambição — A nossa, é sempre nobre. A dos outros, baixa e vil.

Amizade — Pedra filosofal do janota. Chapéu de chuva que se volta do avesso logo que há mau tempo.

Anatomia — Arte de aprender a trinchar sem garfo.

Ante-câmara — Lugar onde os que são mais laçaios não usam librê.

Apito — Grilo que, em vez de estar engaiolado, na maioria dos casos leva os outros para a gaiola.

Aparências — O pudor da sociedade. A primeira coisa que se deve salvar em todos os naufrágios.

Apetite — Sócio gerente do estomago.

Azédo — Chefe de repartição que tem a consciência de valer menos que os seus subalternos.

Baixesa — Meio de elevação.

Batalha — Maneira de ter razão á moda dos brutos.

Bibliotecário — Um colega da traça.

Boi — Animal que muda o sexo depois de morto.

Cabelo — Uma canção saudosa, cantada em coro por todos os calvos.

Chispe — Uma invenção dos grelos de nabo, para se tornarem mais amados e mais caros.

Degrêdo (terra de) — Tegela da casa, onde se despeja a lavadura dos tribunais.

Dente (postição) — Um intruso numa reunião de família.

(furado) — Hóspede importuno.

Devasso — Parafuso que estragou as roscas na porca da consciência.

Donzela — Ovo que se não pode chocalhar.

Esterilidade — Prémio grande da lotaria do matrimónio.

Falsificador — Artista incompreendido pelos tribunais.

Fato — Encadernação que vale ás vezes mais do que o livro.

Gordura — Eloquência do estômago e sobretudo dos ossos.

Gravata — Meio de afugentar os selvagens.

Gripe — Lirismo do nariz.

Idade — Único segredo que as mulheres sabem guardar, segundo asseveraram os maldizentes.

Ideia — Fonte subterrânea;



— *Calculem que um aluno meu, declarou na prova que o «carro eléctrico», era um substantivo abstracto! — E é mesmo! Hoje em dia, um carro eléctrico, só existe na nossa imaginação!*

quando rebenta vem quase sempre turva.

Leite — Líquido suspeito, que se vende publicamente em Lisboa.

Livraria — Único lugar que é permitido confundirem-se os mortos com os vivos.

Malfeitor — Comparsa incumbido de legalizar a existência da polícia.

Má-lingua — Escova de

(Continua na 15.^a pág.)

PORQUE RI...

...quando está a velar um cadáver e lhe contam uma boa anedota?

...quando vê uma senhora gorda, dar um bate... costas na rua, virar os pés pela cabeça e dar um grande espectáculo?

...quando um bebado entra num eléctrico e começa a fazer festinhas ao condutor?

...quando ouve uma criança dizer obscenidades, que os pais lhe ensinaram, cheios de orgulho pelas habilidades do menino?

...quando vê uma cena imensamente dramática, num filme português?

...quando lê, no jornal, uma noticia de provincia, relatando que o sr. Fulano partiu as pernas e os braços ao matar o porco que engordara?

...quando lhe dizem que o seu amigo cicrano, rapaz muito esperto e inteligente, acaba de contrair matrimónio?

...quando o seu colega de repartição, com um ar miserável, lhe anuncia que acaba de ser pai de três gémeos?

O SOBRINHO DO CONDE DE MONTE CRISTO

DRAMA HISTORICO

ACTO I

(A cena representa o gabinete do Marquês de Pombal)

Marquês de Pombal — *Desespero e maldição! Esse maldito jovem, sobrinho do Conde de Monte-Cristo, anda a transtornar os meus planos. Deixa-me chamar o meu secretário particular, e ditar-lhe uma ordem de prisão. (Abrindo a porta, chama para fora) — Fernão Lopes, ó Fernão Lopes! (entra Fernão Lopes). Fernão Lopes — Que desejais, insigne marquês?*

Marquês de Pombal — *Queiro que me redijas uma ordem de prisão contra Julio Dantès, sobrinho do conde de Monte Cristo!*

Fernão Lopes — *Fá-lo-ei, illustre marquês!*

Marquês de Pombal — *E isso depressa, pois quero ir á «première» da nova revista de Gil Vicente!*

CAI O PANO

ACTO II

(A cena representa uma enxovia do Castelo do Queijo)

Sobrinho do Conde de Monte-Cristo — *Eis-me reduzido á condição miserável de prisioneiro! Mas se julgam que sucumbirei, estão enganados!*

por TEODORICO

Um sobrinho de Edmond Dantès não se liquida á primeira. (Entra o carcereiro com uma bilha de água e um pão de segunda)

Carcereiro — *Ah! Ah! Ah! Aqui tens a tua refeição, miserável bandido! Pão e água! Ah! Ah! Ah!*

(Sai)

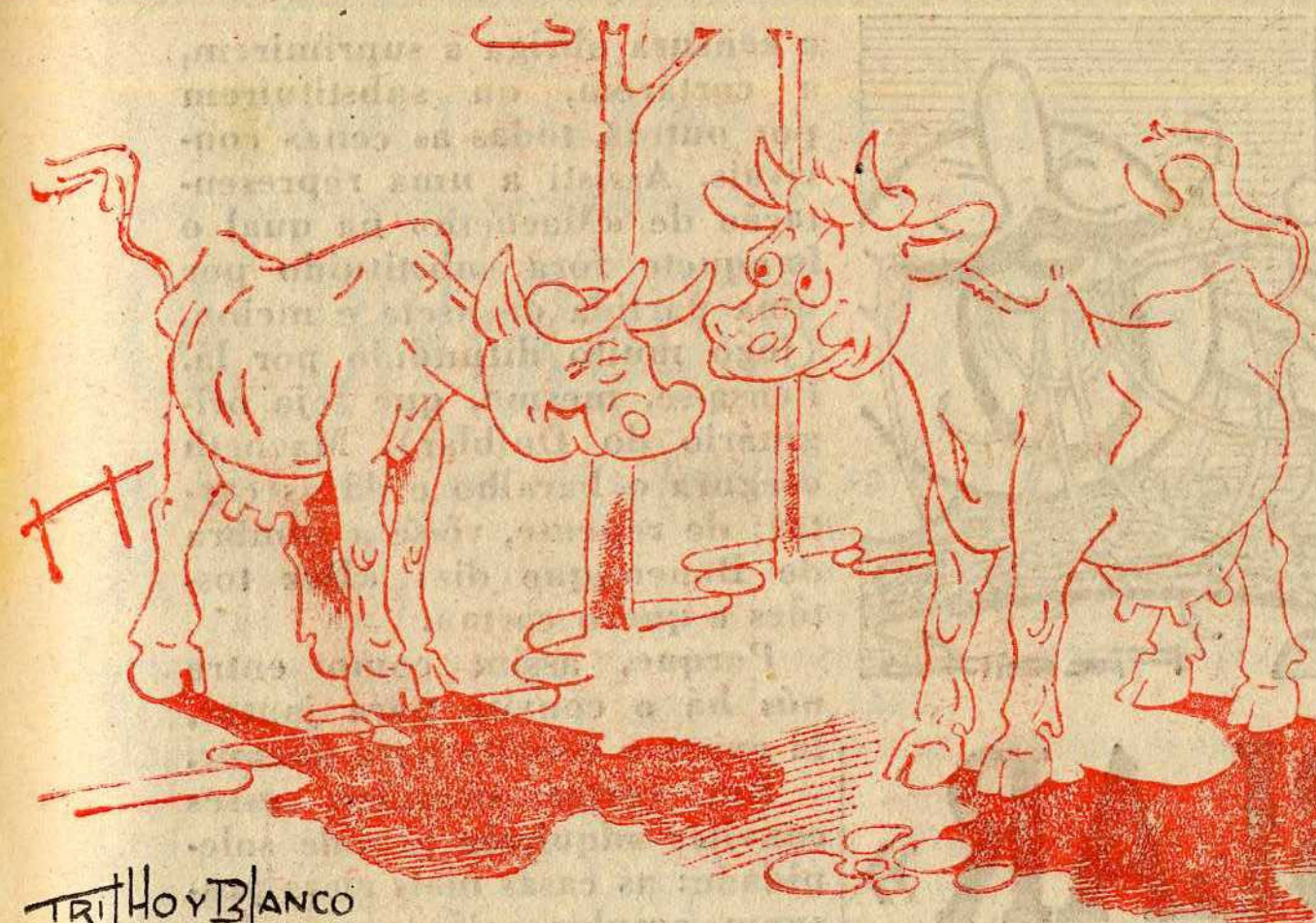
Sobrinho do Conde de Monte-Cristo — *Ri, carcereiro, ri! Vamos a ver quem se ri no fim!* (Tira um canivete que traz escondido na unha do dedo polegar do pé esquerdo) *Ah! Ah! Agora vou cortar uma fatia de muralha e fazer uma sanduiche que até manda ventarolas!*

Contra-regra — *Desculpe intrometer-me, mas disse que ia cortar uma fatia de muralha?*

Sobrinho do Conde de Monte-Cristo — *Sim, obtuso contra-regra, não vês que estou prisioneiro no Castelo do Queijo?*

Contra-regra — *E' verdade!*

(Continua na 15.^a pág.)



— *Uma das vacas velhas — Somos muito superiores ás mulheres! Elas querem passar por meninas e não o conseguem, e nós, no talho, passamos sempre por vitelas...*

ÇABASTIÃO, o Analfabeto

COMO «Arnesto, o Timido», que apresentámos na passada semana, Çabastião, também fora vítima dum erro tipográfico ocasionado no registo civil.

Desta vez, porém, a culpa não foi do empregado dos assentos, mas sim do padrinho, carroceiro de profissão, e que era uma besta, — com perdão de vossas senhorias.

Çabastião, afilhado dum analfabeto, tomou horror ás letras, logo de criança, quando lhe davam sopa daquelas letras de massa. Cresceu, e não foi para a escola, pois ao pé desta havia uma taberna. Ele deduziu: taberna — vinho — alcool — química — ciências — *ciências não é letras*, e não foi para a escola...

Começou a ganhar o pão de cada dia, engraxando sapatos.

Dois anos depois, grande industrial duma fábrica de coiros; dos coiros passou ás vacas, fazendo-se proprietário duma granja. Na granja criava galinhas e vendia ovos. Com estes montou um restaurante e como no restaurante tinha pratos, fundou uma fábrica de loiças.

Nesta altura, milionário e analfabeto, casou-se com uma aventureira de «cabarets», que tendo aprendido caracterização teatral, se disfarçou de menina ingénua e casadoira.

Ela porém, arruinou-lhe a fábrica, «partindo a loiça» fora de casa, em casa, na cabeça da Çabastião.

Com a cabeça cheia de gatos, resolveu dedicar-se aos animais e montou um jardim zoológico. Neste tinha ursos, leões e tigres. Depois de ter dado aos simpáticos bichos, a mulher e a sogra, como rancho melhorado, fez-se domador de feras e apresentou-se no circo. Aqui, em breve passou a empresário e largou o circo por causa de letras de empréstimo, que o tinham empenhado até ás fitas das ceroulas.

As ceroulas e as fitas, deram-lhe mais uma ideia: vender fitas de nastro e ceroulas já feitas. Mas as ceroulas passaram de moda e ele passou ás fitas.

Hoje, ao que supponho, Çabastião o analfabeto, ainda deve manter o negócio de fitas: parece-me que deu em realizador de cinema nacional...

SONETOS DO RISO

“TROCA...”

Aí vão as cartas que tu me mandaste
Branças, azuis, vermelhas, amarelas,
Que eu cá guardei com todas as cautelas
Das casas de penhor que me indicaste...

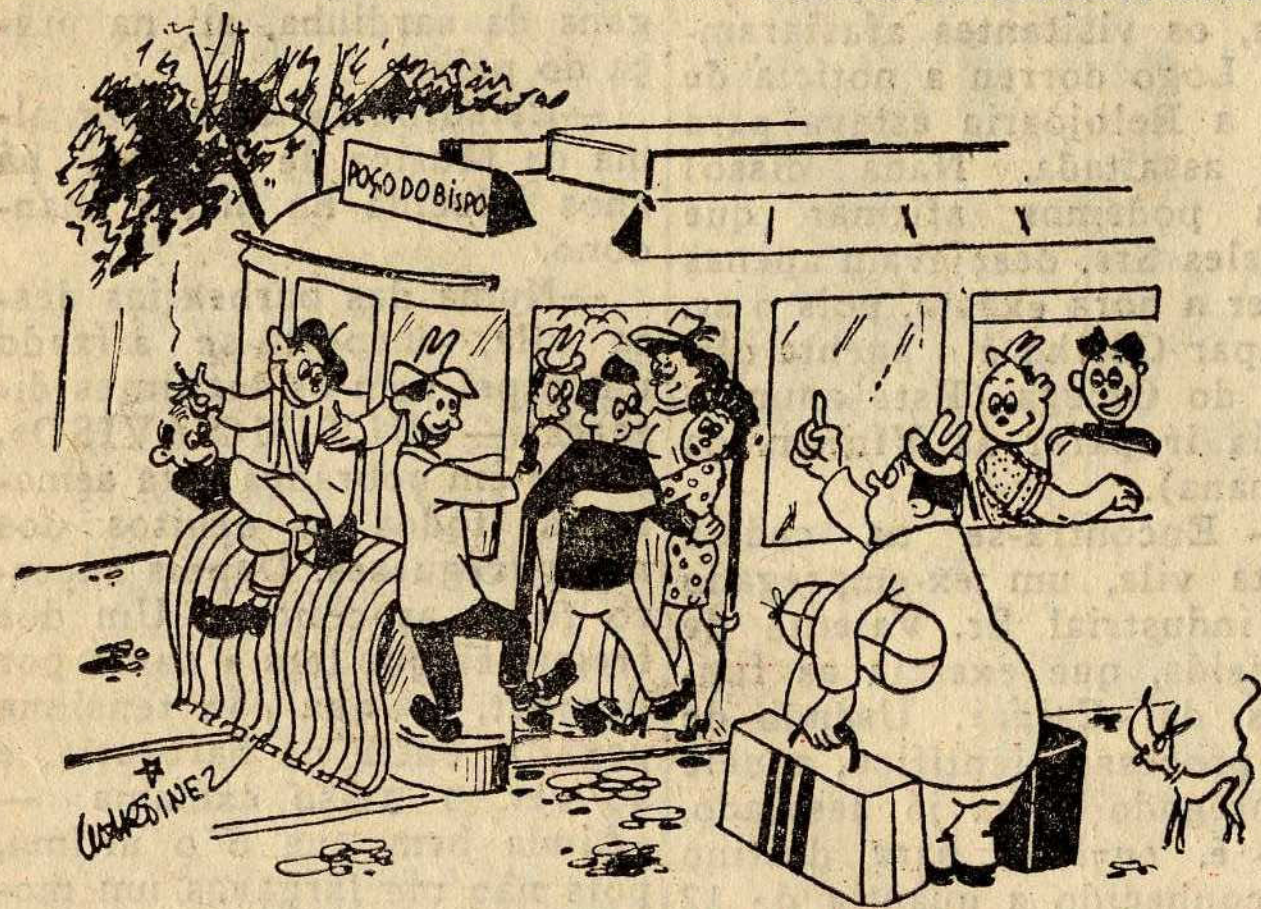
As encarnadas, que tu perfumaste,
Já stiveram coladas nas janelas
Quando tive o sarampo!... Todas elas
Vão inteirinhas contigo enviaste...

Aí vai tudo. Nada destruí,
Melenas, folhas secas, um rubi,
Lembranças que contentes nós trocámos.

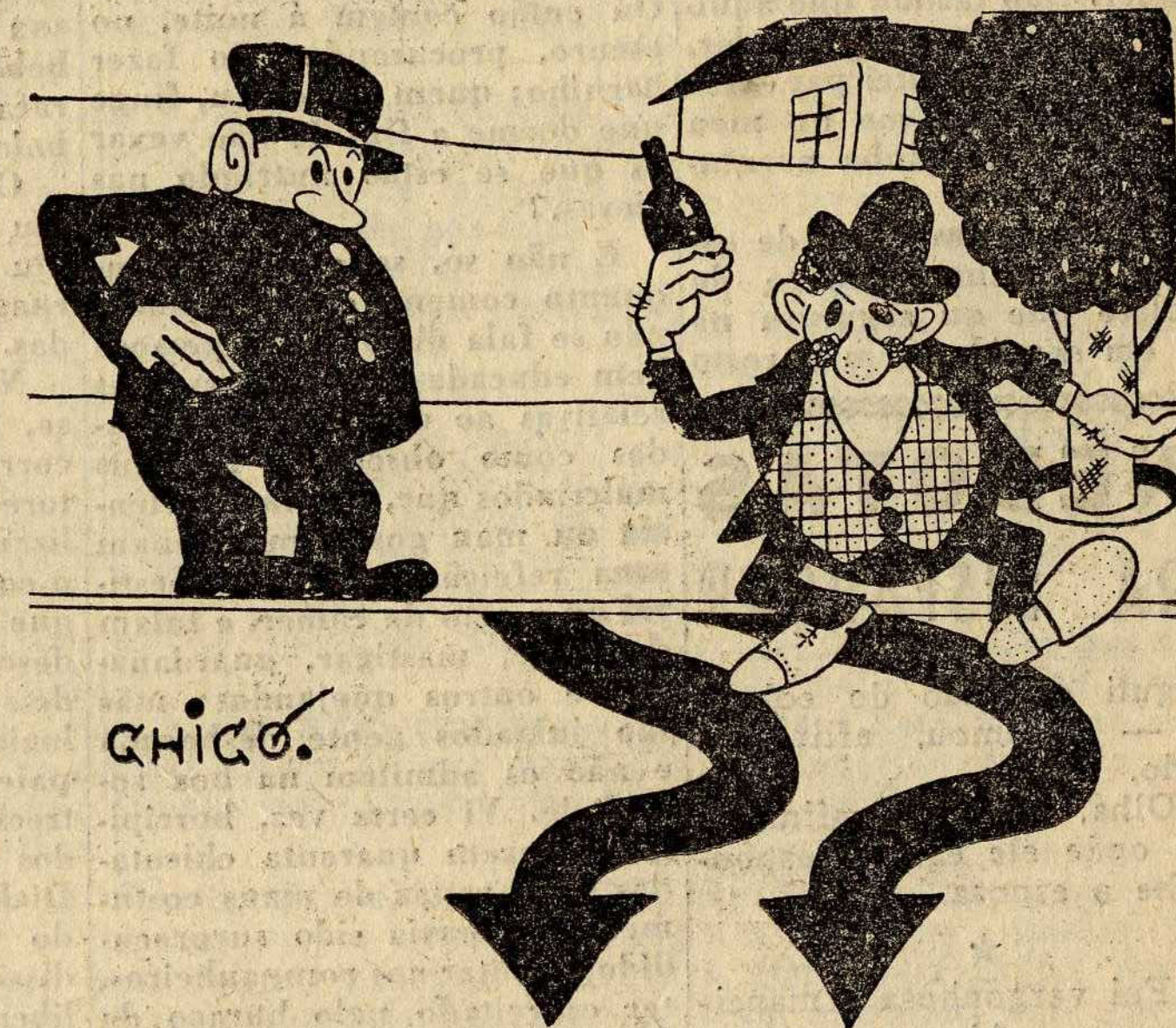
Só não posso enviar — (o que sofri!!!...)
Aquel' teu dente falso que enguli
Quando, num beijo, os lábios nós colámos...

ALFREDO ABREU — Aveiro

MARIO ALTO



— Há aí lugar para mais um?



— *Ora bolas! Logo duas setas e tortas... Mas não faz mal... Eu estou aqui... para as curvas!*



«PUDOR NO DUBLAR»

por MASSIMO BONTEMPELLI

A coisa mais interessante que conheci no Duiblar foi um costume muito curioso, do qual julgo não se encontrarem vestígios em nenhuma outra terra deste mundo, em qualquer época.

Deixara eu as malas num hotel, e fora passar pela rua principal da cidade, enquanto me aprontavam o quarto. Achei no bolso uma «tablette» de chocolate que adquirira na viagem. Comecei a comê-la, e assim, a debicar e mastigar, caminhava olhando em redor.

Havia pouca gente na rua. Mas de repente percebi que os transeuntes ao me encontrarem em primeiro lugar fitavam-me assombrados por um momento, depois voltavam o rosto como que para me não ver, e alguns até, passavam para o outro lado da rua. Examinei-me, toquei-me, mas não conseguia compreender. Não tardou que aquilo me começasse a incomodar, a tal ponto, que voltei para trás e corri a refugiar-me no meu hotel. Conte a minha aventura ao porteiro.

Este lançou um olhar de esguelha ao ultimo pedaço de chocolate que eu segurava na mão, em seguida, com o rosto

ANEDOTAS PARA DISFARÇAR

Enguli o botão do colarinho! — exclamou, aflito, o marido.

— Olha, até que enfim, já sabes onde ele está! — respondeu-lhe a esposa.

★

— Foi vergonhosa a maneira por que o Alonso risonou hoje na Igreja, pois não foi?

— Se foi! Acordou-nos a todos.

virado para a porta a fim de evitar olhar-me, explicou o caso.

Na moral daquela terra considerava-se como coisa reservada e secreta o facto da nutrição.

Admitem que é preciso comer, sabe-se que todo o mundo come, mas é julgado muito indecente deixar-se alguém ver pelos outros durante tal operação (que, na verdade, é bastante desagradável de ver). Cada qual, em casa, come escondido no próprio quarto, com a porta bem fechada para não ser surpreendido naquela acto. Nas famílias pobres, que vivem num quarto só, todos se conduzem com discrição, de maneira a deixarem só, cada um por seu turno, aquele que come, os outros da família, nesse meio tempo, saem á rua, pretextando dar uma voltinha. Ou então comem á noite, no escuro, procurando não fazer barulho; quem já comeu, finge que dorme a fim de não vexar os que se estão nutrindo nas trevas.

E não só, se escondem enquanto comem, como também não se fala disso, entre pessoas bem educadas: as conversações relativas ao comer são reputadas como obscenas. Há uns malcriados que, por inadvertência ou mau gosto, mencionam numa refeição, algum comestível ou o acto de comer, e falam de fome, mastigar, guardanapos e outros quejandos; mas são julgados gente desbocada e não os admitem na boa sociedade. Vi certa vez, horripilado, darem quarenta chicotadas num rapaz de maus costumes, que havia sido surpreendido a contar aos companheiros, ter espreitado pelo buraco da fechadura o seu pai e vira-o tomando café com leite antes de ir para o escritório.

Nas regiões sulinas, onde o

povo é mais desbocado uma das exclamações mais plebéias é: «Almôndegas!»

Existem degenerados que ás vezes, em plena via pública, puxam repentinamente do bolso um pedaço de pão e põem-se a comê-lo quando passa alguém; parece que o serem vistos assim lhes proporciona uma espécie de prazer mórbido.

Alguns restaurantes clandestinos destinam-se justamente a tais degenerados (pois nos últimos tempos os costumes daquela terra bastante se corromperam). Há neles quartos onde todos comem juntos, conversando como se nada fosse, todos sentados á mesma mesa. Isso é considerado como orgia abominável e imunda.

Nos dias em que eu me encontrava por lá, acabara por uma condenação geral um grande processo, pelo escandalo de um «gepodar» (cargo elevado, correspondente, mais ou menos, a membro do Tribunal de Contas), o qual recebera na sua casa alguns amigos para beberem, tocos juntos, uma garrafa de vinho, e comerem um bolo de pão de ló.

Condenação menor recebeu um fulano que foi visto, por um guarda, comer numa carruagem com as cortinas fechadas.

Nos últimos anos, como disse, os costumes daquela terra corromperam-se e, alguns editores pouco escrupulosos realizam grandes lucros mediante o comércio secreto de livros em que se fala de comidas e se descrevem banquetes. Alguns desses livros são simples antologias das literaturas de outros países, e nelas se encontram trechos dos poemas de Homero, dos romances de Palelais e de Dickens, receitas do «Manual do Cozinheiro». Preços elevadíssimos alcançou a venda aos libertinos de uma tradução do noso excitante tratado: «150 maneiras de cozinhar ovos».

Quando nos teatros se representam peças das nossas terras,

a censura obriga a suprimirem, a cortarem, ou substituirem por outras, todas as cenas conivivas. Assisti a uma representação de «Macbeth» na qual o banquete fora substituído por uma partida de «sete e meio», (jogo muito difundido por lá. Pensa-se, mesmo, que seja originário do Duiblar). Macbeth «segura o baralho e dá as cartas; de repente, vê-se a sombra de Baneo que diz: «Dez tocos e quero carta».

Porque, assim como entre nós há o convite para jantar, lá existe o convite para dormir.

Em certas ocasiões, esses convites adquirem grande solemnidade: as casas mais ricas possuem amplos salões com dez, quinze camas, e até mais. Há as sextas oficiais nas Embaixadas e no Palácio do Governo. Cada convidado encontra um bonito pijama e uma cama excelente; dorme durante uma hora ou duas, até que toca um grande despertador ao qual o dono ou a dona da casa deu a corda. Aí todo o mundo, donos de casa e hóspedes acordam, tornam a vestir-se e vão-se embora agradecendo.

Nas aldeias, e especialmente no dia da feira anual, as reuniões, prolongam-se por sete, oito e dez horas. Em certo momento, todos fingem estar dormindo, ao passo que na realidade estão acordados; até que toca o despertador, o dono da casa aparenta estar ainda com sono, e todos porfiam em espreguiçar-se, bocejar e esfregar os olhos, para demonstrar que apreciaram muito o festim.

(Condensado de «Os mais belos contos humorísticos, satíricos e jocosos»)



Dupla economia: a barba do senhor, e a gola de peles da senhora...

(Rq «Il 420», Florencia)

REPORTAGENS A RIR

OS DIVERTIDOS DOMINGOS DO LISBOETA

AQUI está uma ideia para reportagem, que é absolutamente inédita. Se não se fez pelo menos umas trezentas vezes, eu seja Zéquinhas! (Cá vai o anúnciozinho...).

De vez em quando mudam-lhe o título: «Lisboa diverte-se», «O domingo do Lisboaeta», etc., mas vem tudo a dar no mesmo. E' tal e qual os programas-tipo da Emissora Nacional; mudam as horas das rubricas, põem-lhe títulos diferentes, mas os novos programas-tipo são iguaizinhos aos outros. (Se até as «santas» taxas de 10 palhaços se têm mantido...).

E o que é, afinal esta reportagem?

E' um apanhado do movimento do lisboeta ao domingo, que se disfarça com umas fotografiazinhas apropositadas, — chapões que já fazem parte do arquivo e dele saiem todos os anos, por alturas estivais.

Duma maneira geral, o lisboeta deserta a cidade, ficando por cá, apenas os frequentadores das esplanadas: eles em mangas de camisa, bebendo a cerveja, que chegada ao estomago se transforma em suor e volta a sair, pelos sovacos; elas, de perna traçada, mostrando as colunas até ao umbigo, fazendo caretas com

os «picos» das laranjadas, ou ral e anti-higiênico; escapa da fingindo gostar de cerveja, bebendo com um sorriso e guardando as caretas para espectáculo á porta fechada, lá em casa...

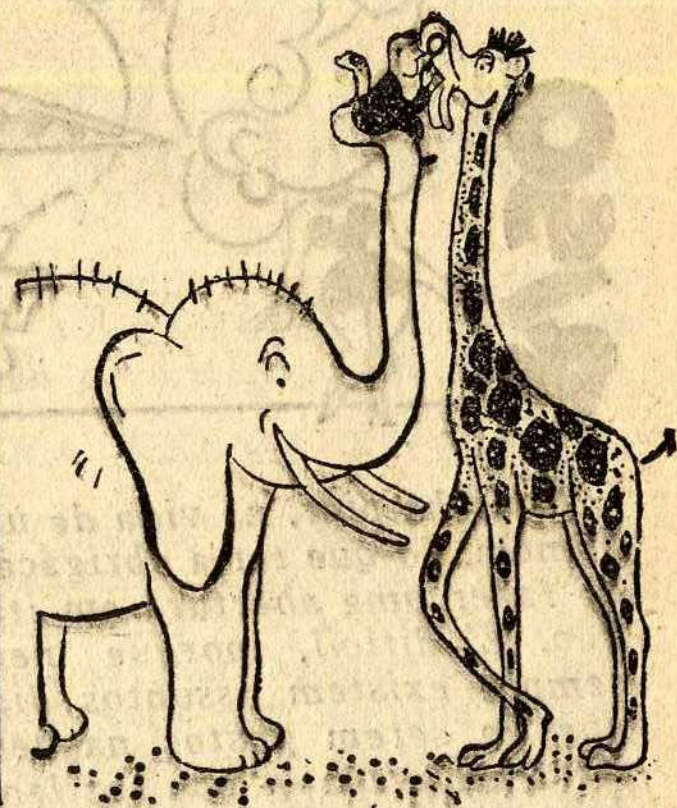
Outros, metem-se nas matineés dos teatros e dos cinemas, para iludirem os empresários de que é um grande negócio terem as casas abertas no verão.

A maior parte, porém, «diverte-se» fora de Lisboa: uns vão para a praia transformarem-se em camarões cosidos, encherem-se de areia, desde os intervalos dos dedos dos pés, até os intervalos da caspa no cabelo, ou, no caso delas, mostram aquilo que o Inverno as obrigava a tapar, bem contra a sua vontade; outros, vão para o campo, com as costas atulhadas de todos os instrumentos necessários ás «delícias» do campismo, só lhes faltando um boné com uma chapinha onde se leia «Moços de Fretes». Comem sanduiches de fiambre, com formigas e bebem águas próprias para febres tifóides, que têm pactos de amizade com os médicos e contratos com os cangalheiros.

O movimento é desusado. O lisboeta foge á multa do transito, para se meter noutras multas: a dos fatos de banho fora do regulamento pró-mo-

lta de comodidade dos electricos, para viajar nos estribos dos combóios, donde transita, em muitos casos, para baixo das rodas das carruagens, a fim de passar o fato a ferro; deixa de se afogar em cerveja, para se afogar definitivamente, no Tejo e temem largar a carteira em Lisboa, para ficar sem pele na praia...

A' noite, chega a casa, diz (Continua na 14.ª pág.)



O veterinário do Jardim Zoológico — Vamos lá então observar essa sua garganta!

(Do «Fliegende Blätter»)

AÍ VAI A RESPOSTA!

Quintro (Seia) — A sua colaboração, quer em prosa, quer em verso, não atinge a craveira do mediocre.

O cesto agradece.

J. Vieira (Castelo Branco)

— O seu traço, não está actualmente em forma. Falta de treino? Quando melhorar, envie mais. Entretanto trabalhe muito.

Abílio Fonseca — O meu amigo está ainda bastante «cru» mas não desanime. Suponho que é muito novo. Com os anos amadurecerá.

J. Silva Nogueira (Vale de Prazeres) — O nosso jornal, felizmente, não publica «palavras cruzadas». Tenha paciência...

Luis V. F. Baptista (Coimbra) — O nosso director, envia cumprimentos e agradece as felicitações. Eu por mim, aconselho-o a escrever qualquer coisa, pois a sua carta tem laracha.

Experimente...

Orlando Manuel dos Santos

— Os seus bonecos são fraquinhos, e é pena, porque as ideias são boas. Tem que trabalhar muito para chegar ás canelas do Martinez ou do Freitas.

Forterra — Aproveitei muito poucas coisas do que mandou. Produz menos, mas... melhor.

J. Rosado Graça (Palmela)

— Os seus versos estão muito bem feitos, mas não têm os tempos humorísticos necessários para fazerem rir. Creio que com melhor ideia que a do «Segredo», você conseguirá ver os seus originais publicados.

Pinto Soares — Tenho coisas suas para publicar. «O alcool, esse desconhecido», não gostei, com toda a franqueza. Eu sei que você é capaz de fazer muito melhor.

Em breve publicarei um original seu. Cumprimento ao sr. B. O.

Tanoio Frenendas — Você faz artigos que ocupariam duas páginas! «A maior praga social», é extenso e cheio de filosofia (hom para um jornal da Universidades de Letras); Os versos são maus; das «Pilulas», «Tancas e Pampas», reúne os mesmos defeitos.

Há porém uma coisa que não percebe: porque não revela no original enviado, o humor da sua carta, que tanta piada tinha, ainda que muito extensa?

Américo José Girio — «A página do diário de uma sopeira», na minha opinião passa. Resta saber, é claro, se... Das «Americanices», aproveito algumas para o «Riso ás fatias». Cumprimentos...

Filipe C. Santos — Você é razoável a desenhar, direi mesmo, muito razoável... Mas a escrever, não. Dedique-se aos bonecos e apure-se uma «lasquinha». Está próximo do nível necessário para ver os desenhos publicados.

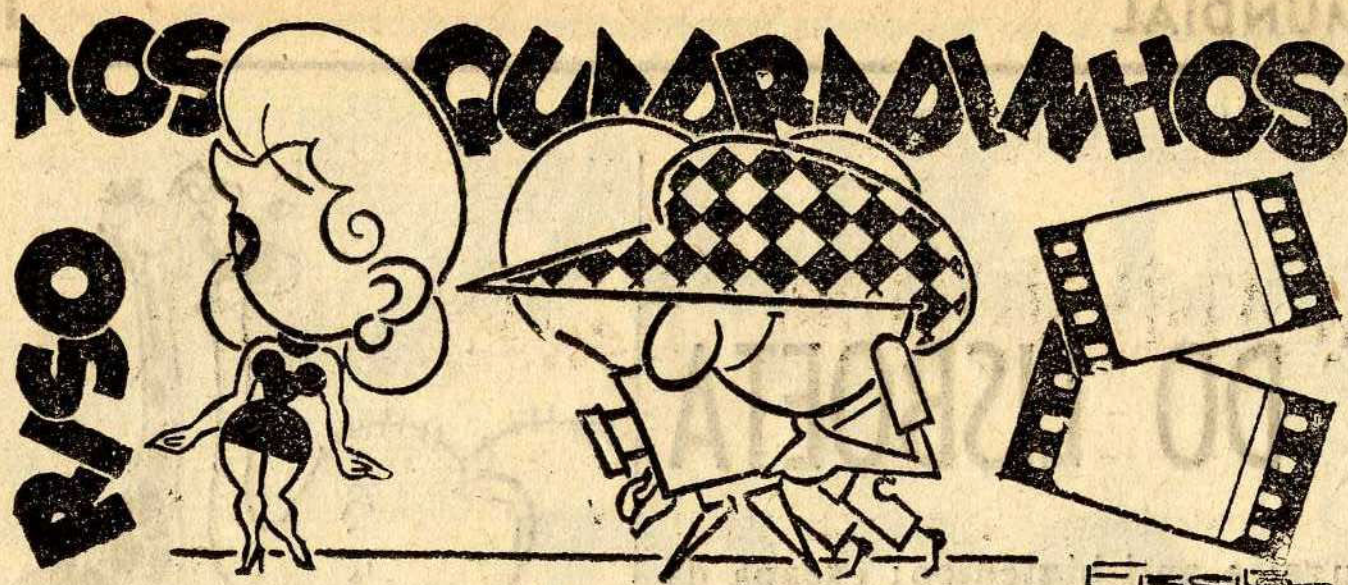
Nelson Barbosa (Porto) — De acordo e aceite, no que diz respeito a «coisas e loisas». O conto «Que engraçado», deve ter sido inspirado em: «Memórias da minha mocidade». Não tem graça. Você é capaz de fazer muito melhor...

Espero a sua visita, quando vier a Lisboa



O homem serpente, provocou o faquir que enguliu sabres...

(do «Ric et Rac»)



Nada há pior, na vida de um homem, do que ter a obrigação de fazer uma abertura em itálico. E' difícil, porque nem sempre existem assuntos dignos de serem postos naquela letra inclinada — que faz lembrar os bebados, ao sábado.

Calculem agora os leitores o meu sacrifício ao ter de produzir, todas as semanas, três «itálicos» e, todos eles, cheios de graça, como é meu hábito. Sim! Porque eu sou o segundo humorista do mundo — o primeiro é o chefe de redacção do «Riso» — e o primeiro em assuntos cinematográficos.

Já houve quem me quisesse tirar o título «o engraçadinho do cinema». Foi o António Vilar. Não levou nada, evidentemente. Contudo ia levando uma estátua. Ainda houve pessoas, mais engraçadas do que nós — o que é quase impossível — que alvitram essa hipótese.

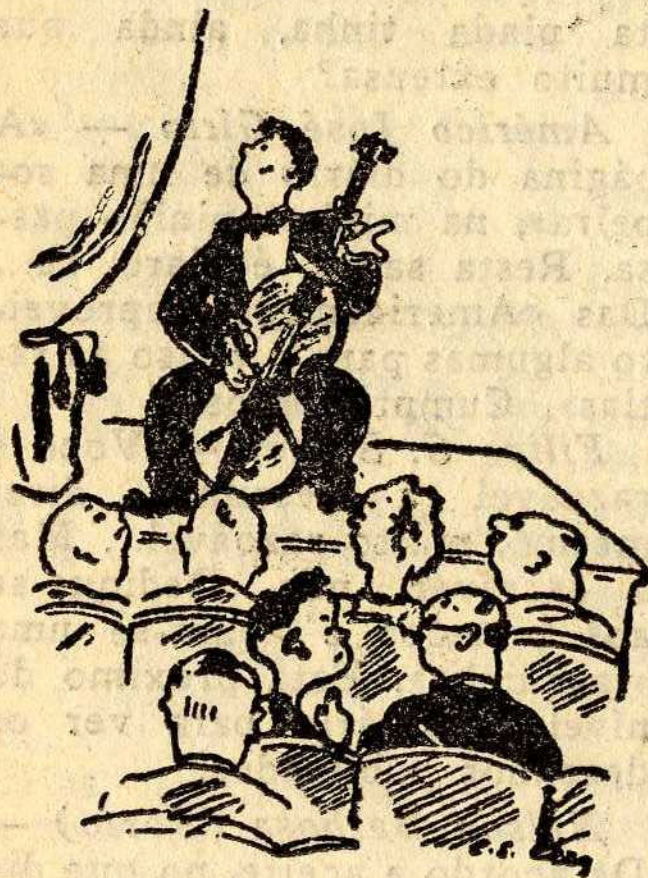
Nós continuámos, porém, a ser «os engraçadinhos».

★

O' ignorante dum povo que admite que uma fadista ganhe oitenta contos para fazer um filme como o «Capas Negras»!

★

A Laura Alves continua a trabalhar no «Leão da Estre-



— Papá: quando aquele homem acabar de serrar aquela coisa, é que nos vamos embora, não é?

la». Veremos se ela consegue domar o «Leão».

★

Há agora um título artístico com piada: «Rabulista cinematográfico».

E' assim que um senhor Flo-



Mary Delly, rapariguinha portuense que já se conhece dos postos de rádio, entrou agora para o teatro. Desempenha um papel da opereta «Passarinho da Ribeira», no Teatro Sá da Bandeira, no Porto.

Merece os mais rasgados elogios a sua força de vontade e o seu «atrevimento», que a levaram á ribalta. E' uma artista que merecia ter quem a ajudasse! Muito recatada, muito trabalhadora, Mary Delly encontrou sempre uma barreira para vencer como artista — a sua pacatez. Ela porém não estava disposta a ser vencida e, sem ajudas, dirigiu-se ao Sr. Dr. Carlos Fernandes, ilustre Subsecretário das Corporações, que lhe arranhou a necessária autorização para trabalhar num teatro.

Que a sorte proteja esta rapariguinha de 17 anos apenas, mas que promete ir longe.

Não a conhecemos, mas queremos felicitá-la pelo seu êxito.

★

Herminia Silva reaparece, dentro em breve, na opereta «Alfacinha da Gema». Esta gema não tem Clara. Isto é: a Maria Clara não faz parte do elenco.

★

O espectáculo de Chang, no Coliseu — aquela grande casa de espectáculos — tem já números novos. E, todos os dias,

res de Almeida se faz intitular.

Rabulista faz-nos lembrar a zebra..... Este animal é que tem no «Rabu..... listas».

★

O novo filme do Sr. Miranda, «Serra Brava», tem uma personagem interpretada por Arminda Vidal.

Mete fadinho, pela certa! Calcule-se! Os serranos a cantarem o fado!

★

O Leitão de Barros, quando for agora ao Brasil, leva como assistente o técnico Farini Signel.

E' claro que com o Farini não o faz o Leitão Farinha.



Os professores de instrução primária têm quase sempre «cara de poucos amigos» e são, na maioria dos casos, muito caturras. Os pequenos tomam-lhes medo, em vez de lhes terem respeito — o que é mais aconselhável.

Ora na rádio também há caturras! Um deles dá lições de português, aos domingos, pelas 14 e 30. E, tal como os professores de instrução primária, faz o possível por falar difícil — mesmo quando não é preciso.

Ora está mesmo a ver-se que o Sr. Caturra sabe bem português. Ou melhor: escreve bem. Mas quando é forçado, pelas circunstâncias, a improvisar... é uma autêntica desgraça.

Eu já em tempos me referi, noutro jornal, a este senhor que, aliás tem a minha consideração. Disse ele a alguém que eu lhe apontasse quais os seus erros. Foi o que fiz agora. Escutei, acentei, e estou pronto, se ele o exigir, a reproduzi-los oralmente, visto ser assunto que não interessa aos leitores.

★

A A. P. A. — que transforma a publicidade, etc., etc. — continua a dar-nos boas rubricas, todas as semanas. Achamos, contudo, que poderiam ser melhores, algumas... sendo escritas por mim.

★

Os Jogos Florais da Emissora Nacional este ano foram transmitidos de Faro. Por isso é que cheiravam tanto a... conservas.

★

A Emissora continua a dedicar aos pescadores do bacalhau as horas da saudade.

Que título feliz! De facto eles devem sentir muitas saudades dos tempos em que havia programas bons, na rádio.

★

O Orfeão Scalabitano está a precisar de um emissor em Santarém, para nós o ouvirmos mais vezes. Quanto mais não fosse, para substituir as Horas de Variedades.

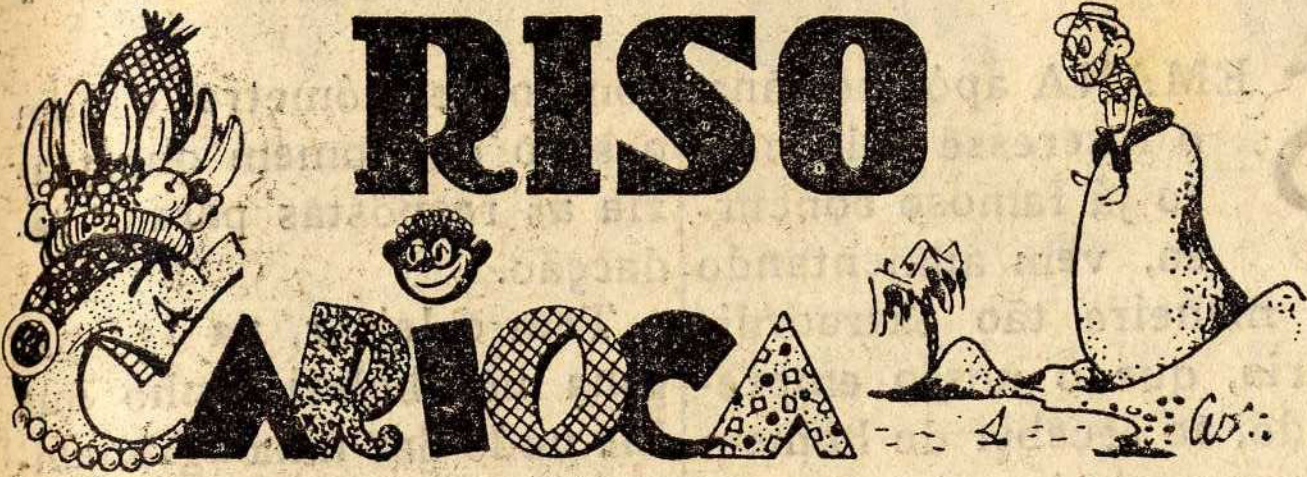
DIAMANTINO

A capa do n.º 7

Por motivos estranhos á nossa vontade, a capa do número passado trazia uma assinatura difícil de perceber.

O traço, porém, era de Pedro Homero, como quase todos os leitores devem ter percebido...

Mas pelo sim, pelo não, aqui apresentamos as nossas desculpas a Pedro Homero.



CELEBRIDADES A RIR...

SITUAÇÃO DIFÍCIL

CONTA-SE da marquezeta de Du Deffand que em certa reunião se lamentava amargamente por se ver cercada apenas de imbecis.

— Mas Matignon está aqui e não se pode dizer que ele seja um imbecil!...

— Era filho dum imbecil — retrucou implacável a marquezeta.

— E Necker?

— Oh! Esse ainda é pior, porque perto dele todos nós nos sentimos imbecis.

CONCLUSÃO

Um amigo de Cícero costumava diminuir a sua verdadeira idade. Certa vez em que se declarava com trinta anos, Cícero exclamou irônico:

— Isso quer dizer, que quando andávamos juntos na escola, você ainda não tinha nascido...

A MELHOR SOLUÇÃO

Choath, famoso conferencista norte-americano, descrevia para um auditório muito atento as torturas que sofreriam no outro mundo os maus cristãos.

— Não de chorar e gemer, e rangerão os dentes, rangerão desesperadamente os dentes!

— Mas eu, não tenho dentes — exclamou tímidamente uma velhinha.

— «Eles» lhes darão! — foi a resposta.

A MELHOR CARICATURA

A magreza de Sarah Bernhardt serviu de motivo interminável nas críticas mais ferozes e inesperadas. Um jornalista certa ocasião descrevia um encontro que tivera com a célebre actriz, e usou desta expressão

— Eu estava diante do teatro. Era ainda muito cedo para entrar. Subitamente pára á minha frente uma carruagem vazia. Quem sai de dentro dela? Sarah Bernhardt!

PREDILECÇÃO

Falava-se, diante de Sofia Arnauld, célebre artista fran-

cesa, sobre uma senhora da alta sociedade. A artista definiu-a rapidamente:

— É uma encantadora senhora que possui uma acentuada predilecção por todos os homens...

PSICÓLOGO

O rei da Prússia, Frederico II costumava dizer:

— Prefiro comandar o meu exército a dirigir um teatro. Na minha opinião é mais fácil vencer uma batalha, do que fazer dançar um friso de coristas.

(do «Vamos Ler»)

«AMENDOIM TORRADINHO»

«AO PÉ DA LETRA»

O cavalheiro erra, com expressão ansiosa, pelo grande «magazine», olhando para todos os lados, com olhares inquietos.

O empregado aproxima-se e indaga:

— Alguma coisa?

— Foi... minha mulher... que eu perdi...

— Terceiro andar, á direita, fundo da galeria. Artigos de luto...

«MÉDICO PRECAVIDO»

Certo médico de aldeia ia visitar um doente, na povoação próxima.

A fim de se distrair na viagem, caçando, carregou com uma espingarda.

No caminho encontrou um camponês, que lhe perguntou onde ia.

— Ver um doente, — respondeu.

— Livra — disse o campo-

nês, vendo o médico armado — o senhor está com medo de não o conseguir liquidar?

«NA MESMA SITUAÇÃO»

O «taxi» rodava a um velocidade incrível. Quase ia atropelando o guarda que só escapou subindo rapidamente para o passeio. Em seguida passou tão rente a um onibus, que só por milagre, não chocou com ele.

A senhora que ia no «taxi», disse ao «chauffeur».

— Por favor, tenha mais cuidado... é a primeira vez que ando de automóvel...

— Madame, compreendo perfeitamente os seus sentimentos! — respondeu ele com simpatia. E' também a primeira vez que conduzo um automóvel.

«VERBETE»

Cavalo — bicho transformável em vapor.

«ELE TINHA RAZÃO»

Havia mais de trinta anos que determinado cavalheiro passava os serões em casa de certa senhora. Tendo-lhe falecido a esposa, todos pensaram que desposaria a outra. Falaram-lhe a esse respeito. Ele porém escusou-se:

— Se eu a desposasse, onde iria passar os meus serões?

(Do «Caretas»)

ANEDOTAS BRASILEIRAS

«BOA DESCULPA»

DONA Zéca era uma vítima das criadas. Despediu Marlina, porque passava o dia na rua.

A Paulina quebrava toda a louça, e tinha o maldito costume de se desculpar com a criada anterior. Assim, quando D. Zéca a censurava por causa dos cacos alegava: «não fui eu, Marlina deixou assim».

Um dia, D. Zéca, convidada para um chá, saiu, mas voltou depressa em busca dum agasalho contra a chuva. Abrindo o

guarda-vestidos, encontrou dentro do mesmo, um soldado.

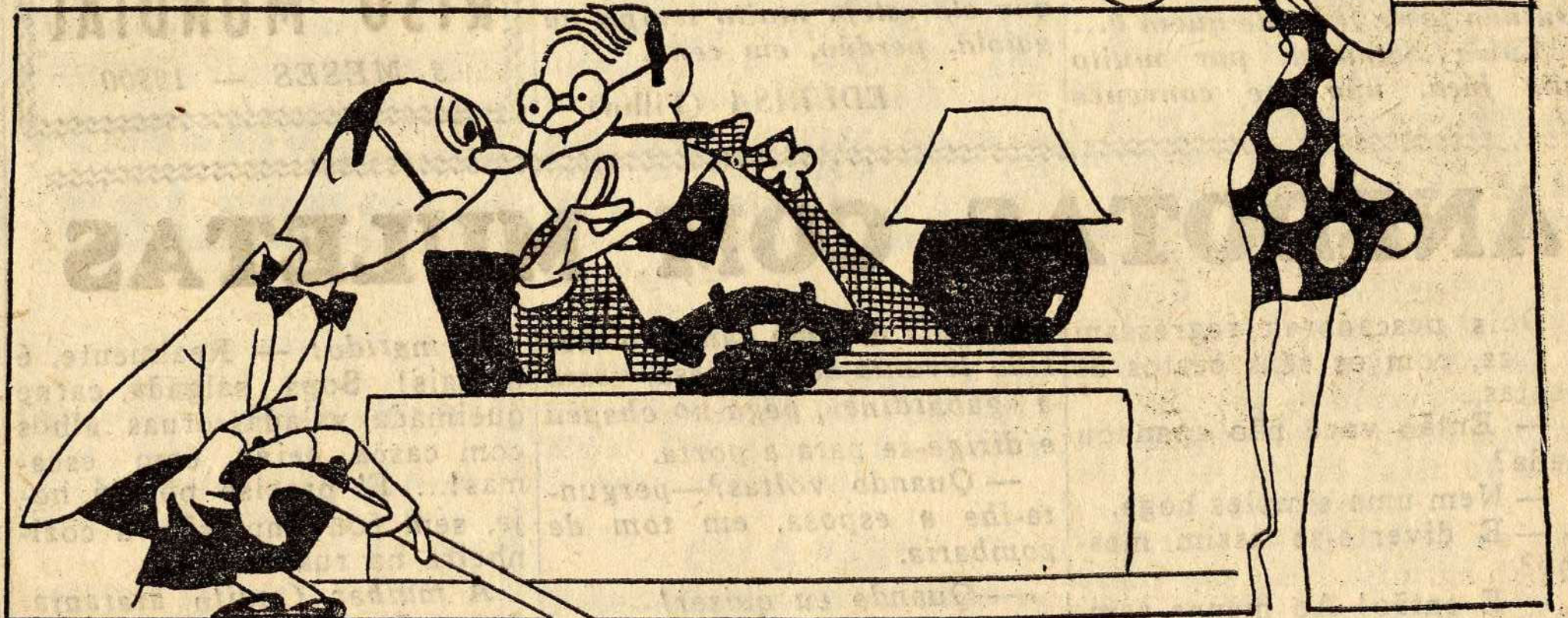
Assustada, gritou: «Paulina, que faz aqui este sujeito?»

— «Minha senhora, não fui eu, Marlina deixou assim».

«ORGULHO DE ESPOSA»

D. ELSA — Pois é. O médico teve de dar dez pontos no corpo do meu marido, depois da briga que teve com o seu.

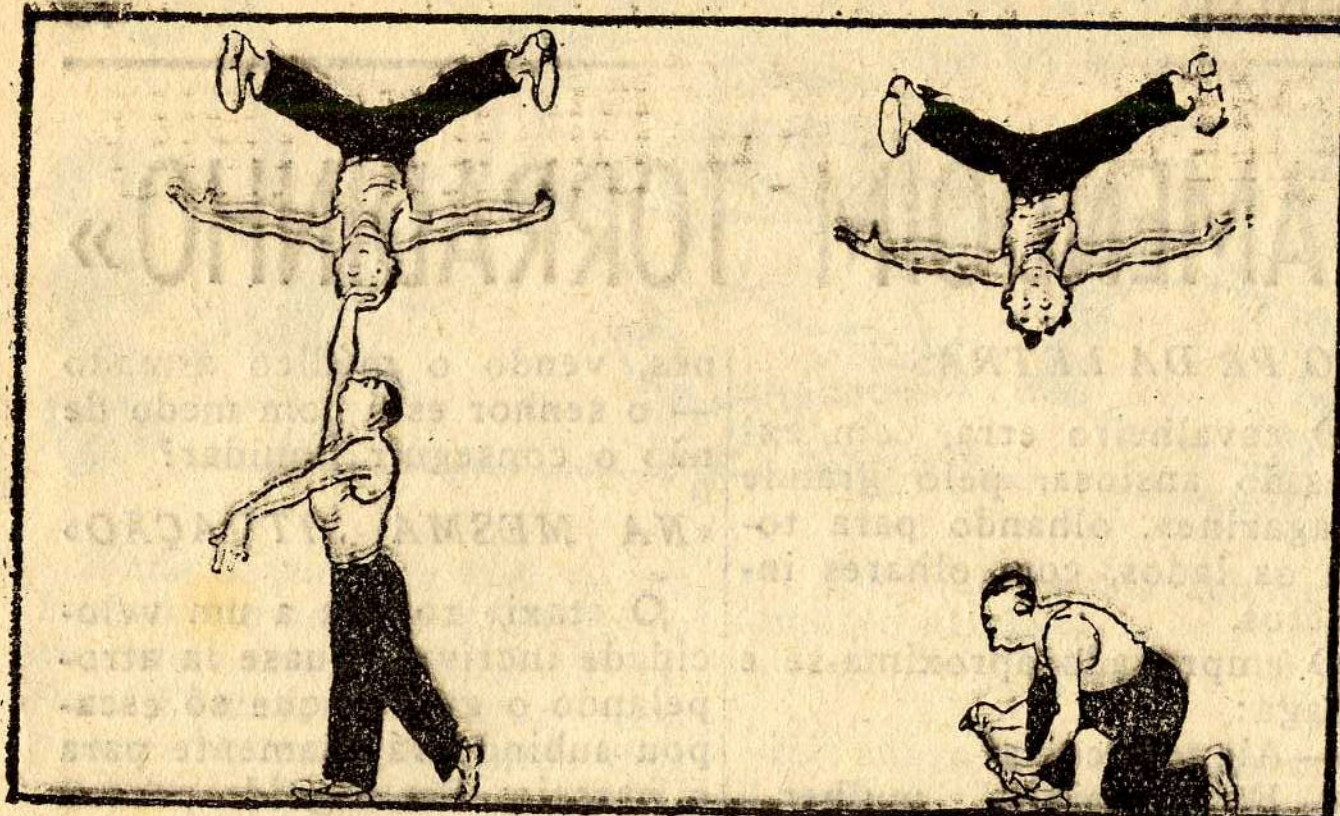
D. MARIA — Isso não é nada; quando o dr. viu o meu marido, perguntou-me se eu tinha máquina de costura...



— Esta minha secretária não sabe ler nem escrever; é irremediavelmente analfabeta!

— E tu achas algum inconveniente nesse defeito?...

(De «Caretas»)



— *Espera um minuto. Vou atar o atacador do sapato!*

(do «Pele-Mele»)

NOTAS & ECOS DA RIBALTA

(Continuação da 5.^a pág.)

(cá estou eu a bater na mesma!)... o nome que adoptou é que não a recomendá!... Digam lá os leitores se cabe na cabeça de alguém que uma artista tripeira se chame Mary Dely? E', até, anti-bairrista... Ora eu, sem me querer armar em Brura da Arruda deito-me a adivinhar e julgo dar no vinde se disser que o nome da nóvel actriz é um destes três: Maria Deolinda, Maria Adelaide ou Maria Adélia! Sendo assim, qualquer deles é bem mais bonito do que o estrangeirado Mary Dely e tem a grande vantagem de ser nosso, que é o principal! Que Mary Dely me desculpe esta impertinência, mas bole-me com o grande simpático que uma rapariga do Porto, que uma rapariga da minha terra, faça uma desfeita á madrinha, não tendo confiança no nome que recebeu na pia!... E, além disso, eu sempre embirrei com os «pecelões»...

Aura Abranches foi a grande artista que sempre conhecemos. Ou não fosse filha de quem é... Luiza Satanela, por muito que faça, não me convence

como mulher do povo, e muito menos como cartoeira. Será por eu não estar habituado?!...

Sales Ribeiro está como o vacidade que lhe é peculiar, foi, na minha opinião, um pardal que não deixou ficar mal o passarinho...

Soares Correia, como brazuca da banda di cá, está muito tripeiro! Mas se assim é que é o bom, se assim é que o pagode o compreende, para que se há-de discuti-lo? Se o panamá não chegar para mostrar que esteve na banda di lá, arranja-se um papagaio e pronto!

Sales Ribeiro está com o peixe na água! Tudo o mais que se disser é bilú-bilú, é conversa mole...

Domingos Marques, está a marcar, está a marcar...

Joaquim Prata, Vital dos Santos, Coelho Barros, Alfredo Pereira e João Guerra, bem, muito obrigado.

Miguel Orrico foi o rico autor do Passarinho que Armando Anjo, Jaime Mendes e Carlos Dias puzeram a cantar. Oxalá que ele esteja muito tempo na gaiola, perdão, em cena.

EDURISA (Filho)

ANEDOTAS COM MULETAS

Dois pescadores regressam a casa, com os seus cestos ás costas.

— Então você não apanhou nada?

— Nem uma simples boga.

— E diverte-se assim mesmo?

— E então! Ao menos sempre é um dia passado longe da minha mulher!

Depois de uma zanga, o marido levanta-se da mesa, veste a «gabardine», pega no chapéu e dirige-se para a porta.

— Quando voltas?—pergunta-lhe a esposa, em tom de zombaria.

— Quando eu quiser!

— Pois sim, mas não venhas mais tarde!

HA HORAS FELIZES!

SEMANA após semana, o interesse pelo nosso já famoso concurso, vem aumentando

de maneira tão extraordinária, que o nosso empregado, ao receber do homem dos correios, os montes de boletins dos concorrentes, fica de boca aberta, e engole moscas até nós a fecharmos com um fecho «éclair»...

Então, nesta última semana, em que um concorrente teve o azar de falhar o «quilo», apenas por um número, mordendo-se a si próprio até ter desaparecido naquela ansia de auto-antropofagia, a «febre» pelos 1.000 «dele», aumentou tanto, que rebentou

com o termómetro e com o saco do homem que trazia as respostas para a redacção.

Tem o leitor, na 15.^a página um boletinzinho que lhe pode dar uma agradávelíssima semana de Feira Popular, cheia de paródia. Preencha-o, recorte-o e envie-nos. O resto, será com a sorte e é bom não esquecer que nas vinte e quatro horas dum dia, «Há Horas Felizes».

No número da passada semana, vinha um boletim e cá na redacção, no célebre envelope mistério, fechado, assinado e lacrado, com o testemunho dos concorrentes, estava o número da «Grande».

Os verificadores dos resultados, suando por todos os poros disponíveis, estão apurando o resultado, e daqui a momentos lhe diremos quem foi o felizardo.

E' questão de esperarem uma «lasquinha»...

Os divertidos domingos do LISBOETA

(Continuação da 11.^a pág.)

aos vizinhos que se divertiu imenso e se ainda lhe restam uns cobres que não desequilibrem orçamento que já nasceu desequilibrado de todo, vai para a Feira Popular, leva pisadelas e encontros, nas ruas pejadas de povinho, e por fim, exausto, cal á cama muito triste, a lembrar-se que no dia seguinte vai para o escritório.

Sim, por que não há dia mais belo que o domingo...

EL-CHIEF

VAI PARA FERIAS?
LEVE CONSIGO

RISO MUNDIAL

3 MESES — 19\$00

ULTIMA HORA

AINDA não saiu desta, meus senhores! O número desta semana, era o 25325, e houve duas «aproximações», ambas com o número 25345: o sr. Francisco Fernando A. Magalhães, da Travessa da Póvoa, n.º 156, Porto, e a sr.^a D. Angela Serrinha Pires, da R. Filipe da Mata, 126 r/c., esq., de Lisboa, a quem deu muita sorte os elefantes, trevos, buzios e estrelinhas que desenhou no boletim.

Portanto vai para cada um, metade dos 50 «palhaços» do prémio de consolidação. E não é nada mau, porque, com 25 «palhaços», já se organiza... uma companhia de circo!

Parabens, felizardos!

O marido: — Realmente, é demais! Sopa salgada, carne queimada, saladas cruas, alhos com casea, peixe com escaemas!... E' preciso pôr já hoje, sem contemplação, a cozinheira na rua.

A mulher (muito atarantada): — Já a despedi ontem.

Hoje fui eu quem fez o jantar.

O «FORASTEIRO E O CICERONE» DICIONÁRIO

(Continuação da 6.^a pág.)

cumento e pronunciou estas palavras decisivas:

— Na América existem rapazes de onze ou quatorze anos que escrevem muito melhor.

— Mas trata-se do grande Cristóvão!...

— Não importa saber o nome do autor. O que sei é que jamais vi letra tão feia. Se tem qualquer peça caligráfica decente, mostrenos, caso contrário, vamos embora.

Saimos. O cicerone entristecera. Todavia fez ainda uma tentativa.

— Venham comigo, senhores. Mostrar-lhes-ei o busto de Cristóvão Colombo, precisamente. Explorado, grandioso, magnífico.

Conduziu-nos diante do busto.

— Vejam Cristóvão Colombo!

Porventura não é belo?

O doutor pôs o monóculo.

— Ah! E você disse que este senhor se chamava?

— Cristóvão Colombo! o grande Cristóvão Colombo!

— Ah! E que fez este Cristóvão Colombo?

— Mas, Deus meu, foi ele quem descobriu a América!

— Descobriu a América? Isto é um pouco forte. Viemos justamente da América e nunca ouvimos falar a seu respeito. Cristóvão Colombo!... Que nome curioso! E é falecido... este cavalheiro?

— «Corpo di Baco!» Há mais de trezentos ou quatrocentos anos!

— De que faleceu?

— Mas não o sei, não o posso saber.

— Talvez de varíola?

— Não creio. Mas, repito, não o sei.

— De sarilho, por ventura?

— E' provável, porém não sei... Certamente de alguma coisa ele morreu.

— Os pais ainda vivem neste mundo?

— Mas não, são falecidos, provavelmente antes dele.

— Ah! E diga-me: qual é o busto e qual o pedestal?

— Aqui está o busto e eis o pedestal. Santa Madonnina!

— E' a primeira vez que este senhor está sobre um busto?

No dia anterior tínhamos passado três ou quatro horas no Vaticano, guirriamos rever aquele museu prodigioso.

Pela primeira vez foram vistos visitantes passarem, sem vacilar, pelas maravilhas do Vaticano. O nosso guia estava completamente idiota. Por último conseguiu o que considerava a maravilha: uma múmia egípciana, talvez a mais bem conservada que existe no mundo.

— Eis, senhores uma múmia.

O monóculo foi colocado, no costumeiro gesto calmo, diante do olho do doutor:

— Ah! E como disse que se chama este cavalheiro?

— O seu nome? Não o possuo. De qualquer modo não o sei. E' uma múmia, egípcia.

— Ah! Bem E' desta região?

— Não! E' uma múmia egípciana, afirmo-lhe.

— Ah! Bem. Francesa, então?

— Não, não. Nem francesa, nem romana. Veio do Egito.

— Egito? E' a primeira vez que ouço pronunciar o nome deste país. Um país estrangeiro, certamente. Múmia, múmia... Como é calmo este bravo personagem! Como tem o aspecto de estar seguro de si mesmo. Mas, diga-me está morto?

— Santo Deus! Há três mil anos que está morto!

Em seguida o doutor volta-se para o guia, com o aspecto selvagem:

— Digo, portanto, que você devia procurar comportar-se convenientemente. Não é uma boa razão, é porque somos estrangeiros, fazer-nos passar por chineses. Procurar aproveitar-se de um velho cadáver de ocasião, que nem mesmo os ratos desejariam. Se tiver um cadáver um pouco mais fresco, vá procurá-lo, caso contrário providenciarei um, eu mesmo, simplesmente partindo-lhe a cabeça.

(Condensado de «Os mais belos contos humorísticos, satíricos e jocosos»).

O SOBRINHO DO CONDE DE MONTE CRISTO

(Continuação das páginas centrais)

Deixa-me coçar a cabeça em atitude embaraçada! (Faz o que diz)

CAI O PANO ACTO III

(A cena representa o tombadilho da nau de Fernão de Magalhães)

Fernão de Magalhães — *Pobre naufrago, estás salvo e em segurança. Que te aconteceu?*

Sobrinho do Conde de Monte-Cristo — *Não me lembro bem, decerto devido á quantidade de queijo que tive de ingerir, para levar a efeito a minha evasão!*

Fernão de Magalhães (olhando para o horizonte) — *Ou eu estou maluco ou aquilo são as ilhas Malucas! Vamos desembarcar!*

Sobrinho do Conde de Monte-Cristo — *Não faças isso, illustre navegador! Tu nunca lestes o livro de Stefan Zweig á teu respeito?*

Fernão de Magalhães — *Eu não. Sou analfabeto!*

Sobrinho do Conde de Monte-Cristo — *E não te envergonhas de o confessar?*

Fernão de Magalhães — *Então que queres? Nasci assim! Cada um é para o que nasce!*

CAI O PANO ACTO V

(A cena representa Lisboa. Actualidade)

Sobrinho do Conde de Monte-Cristo — *Como o chefe da Redacção cortou o quarto acto, tenho que explicar o que aconteceu! O desventurado Fernão de Magalhães peteceu nas Malucas, tendo o castelhanõ Sebastian del Cano tomado conta do navio. Ora como eu não gramo castelhanõs, nem á lei da bala, fiquei entre os malucos, onde fiz fortuna. Agora vim a Lisboa, para me incorporar no Cortejo Histórico do Sr. Leitão de Barros.*

Leitão de Barros — *Ordinário, marche! (O cortejo inicia o desfile. Sob a avenida.)*

Sobrinho do Conde de Monte-Cristo (para João das Regras, que vai seu lado) — *Olha, olha! Quem é aquele que além está?*

João das Regras — *E' o Marquês!*

Sobrinho do Conde de Monte-Cristo — *Brrr! A minha vingança foi terrível! (Ao passar pelo Marquês) Com que então, lançado ás feras, hein! E tens muita sorte em ser aos leões, que são uns anjinhos! Se fossem águias, então verias!*

Conde de Andeiro — *O seu palerma, você é do Benficia! Em isto acabando, é que vai saber se os leões são anjinhos! Ora esta! Não querem lá ver o malandro!*

CAI O PANO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

de JOÃO FERNANDES

(Continuação das páginas centrais)

arame, com que se alisa a pele dos ausentes.

Mancha — Verruga da probidade.

Milagre — Viver de empregados publicos, com ordenados de 600\$00 para baixo.

Mineiro — Homem com vocação de minhoca.

Namoradeira — Espécie de mosca. Tanto poisa na flor como no estrume.

Ortografia — Reminiscência da torre de Babel.

Ostra — Pessoa que não se mostra por dentro senão quando achá maré.

Paciência — Virtude que ninguém se esquece de aconselhar áqueles á quem pisa os calos.

Palavra — A faca do pensamento.

Palco — Paródia do paraíso de Mafona: tem as huris pintadas.

Paraíso — Lugar onde não há livros, nem jornais, nem prodígios de talento de nenhuma espécie.

Pinote — Expansão por mimica.

Plástica — A arte de modelar... com pasta de algodão.

Poema — Caldeirada de versos. Eu prefiro as de enguia.

Pudor — Vestuário da alma.

Polidez — Fazenda de bonita aparência.

Protector — Estaca que se põe ás plantas para se apoiarem. A's vezes cai sobre elas e quebra-as.

Raciocínio — Meio de chegar á tolice pelo caminho mais longo.

Rapto — Combinação amorosa em que o raptor é muitas vezes o roubado.

Ratoeira — Olhos bonitos.

Rude — Pessoa por descascar.

Rugir — Maneira porque os intestinos fingem de tigres.

Sádio — Natural de terrenos em que não há boticas nem médicos.

Sócio — Companheiro de cama, que muitas vezes quer puxar a roupa toda para si.

Tinta (de escrever) — Coisa de que nem todos sabem servir-se sem se sujar ou sem sujarem os outros.

Xarope — Discurso do devedor que pede reforma de letra.

(Condensado da «Antologia dos Humoristas — Contos Alegres Portugueses»)

BOLETIM DO CONCURSO:

«HÁ HORAS FELIZES!»

Nome:

Morada:

17

Preencher, recortar e enviar á redacção.

AS VITIMAS DA SEMANA

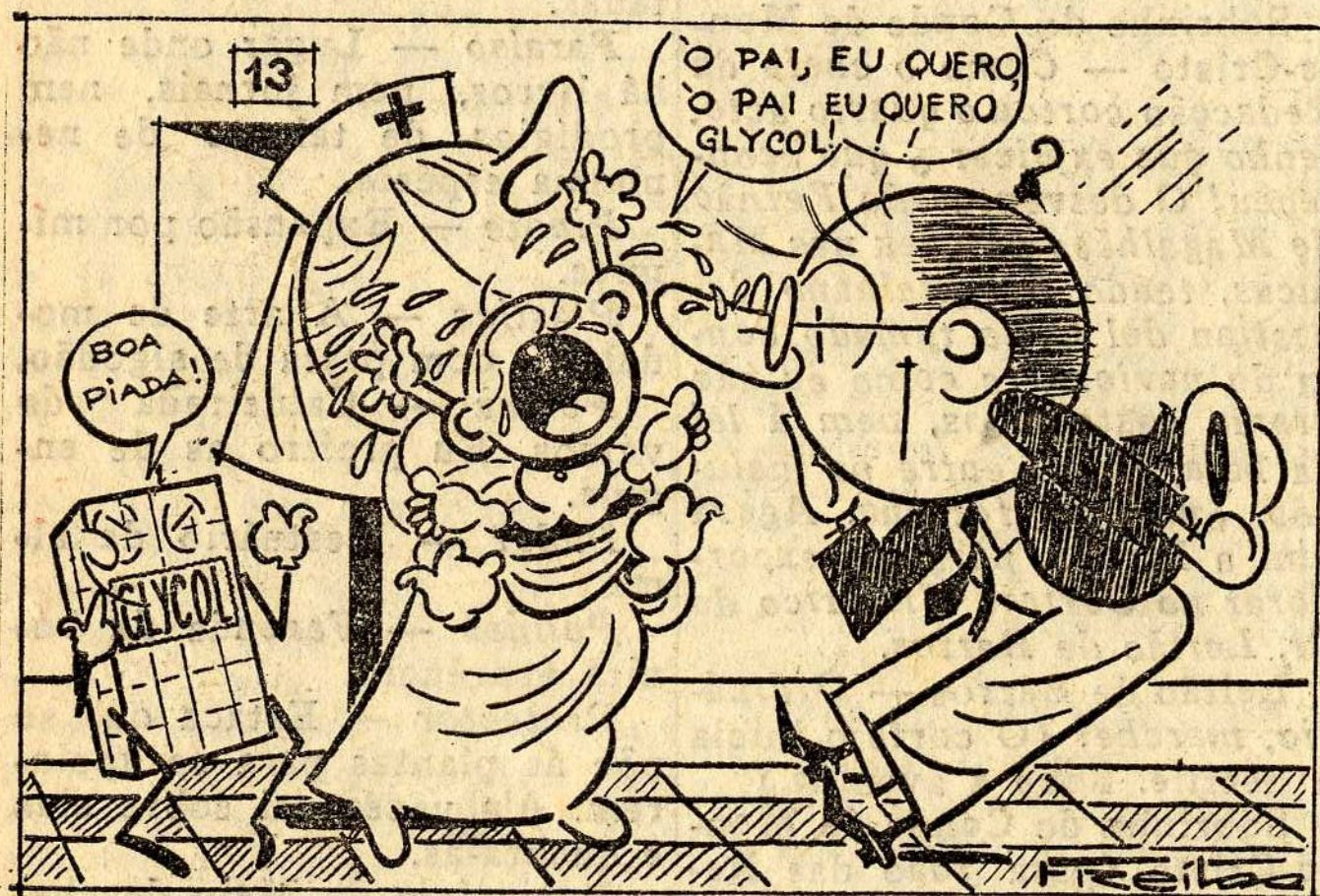
Mais um produto que venceu a 1/2 página gratis

KÓRÓL

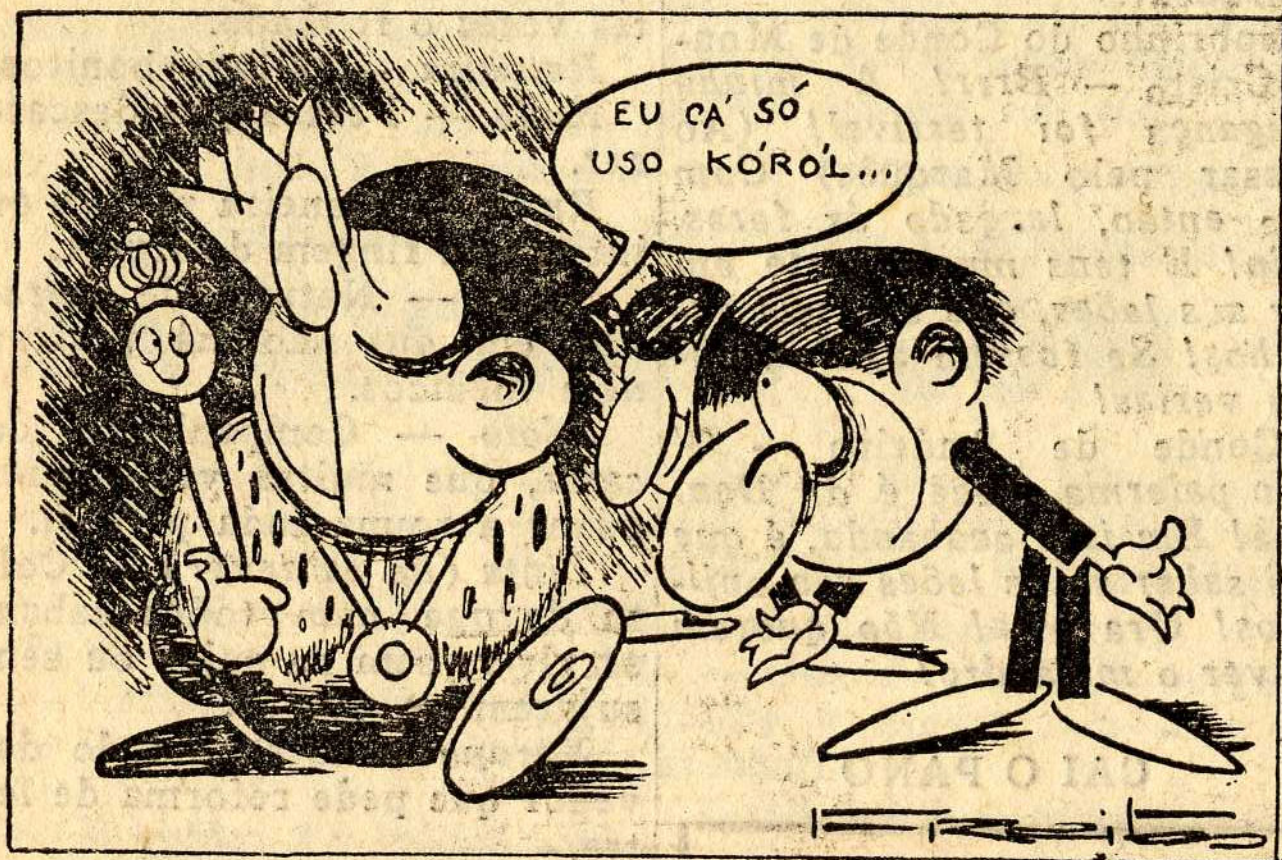
Sempre vencedor nas guerras contra os cabelos brancos



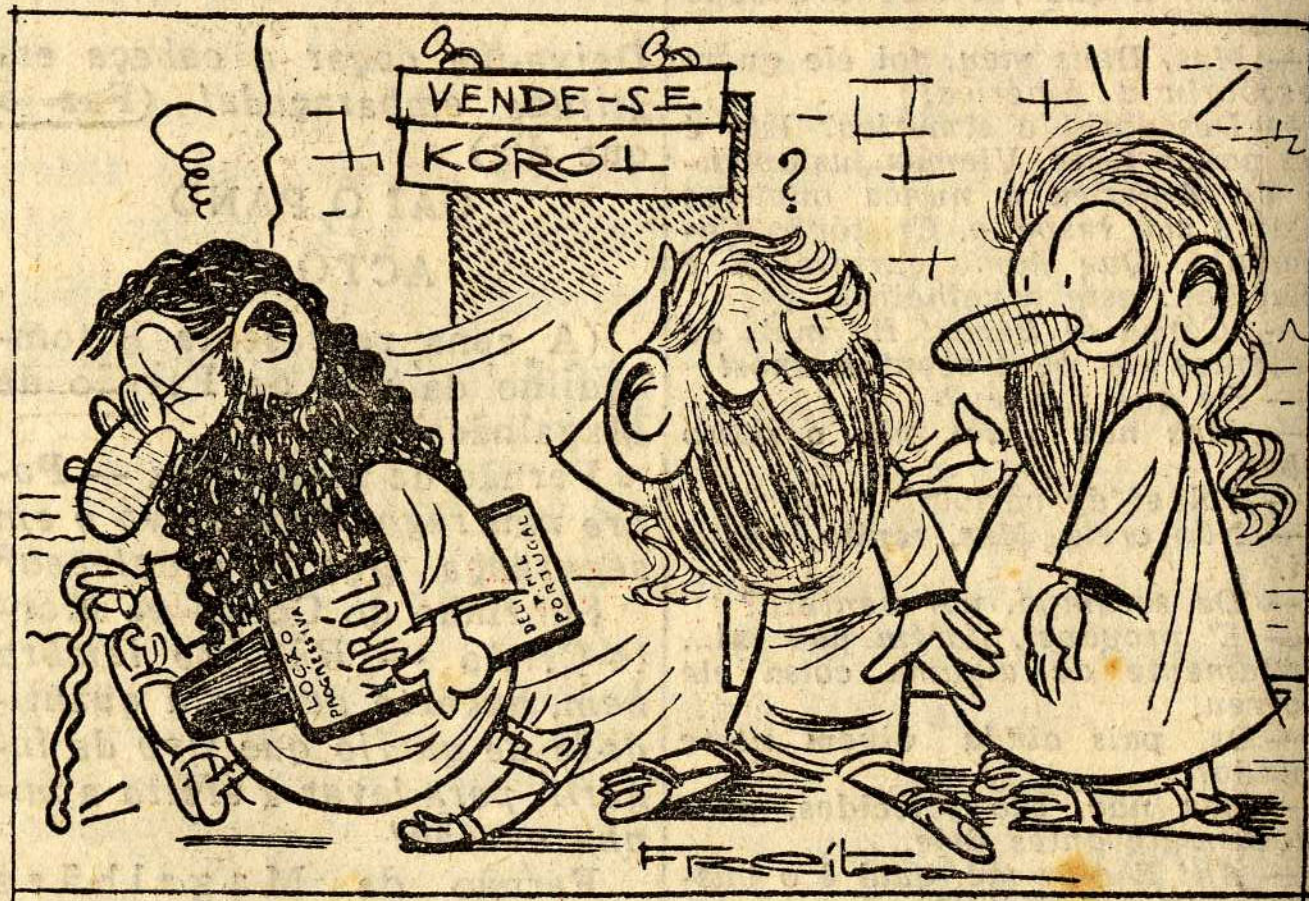
Toda a gente fala e com razão!
Porque BERTRAND IRMÃOS LD.ª é um mimo em artes gráficas!!!



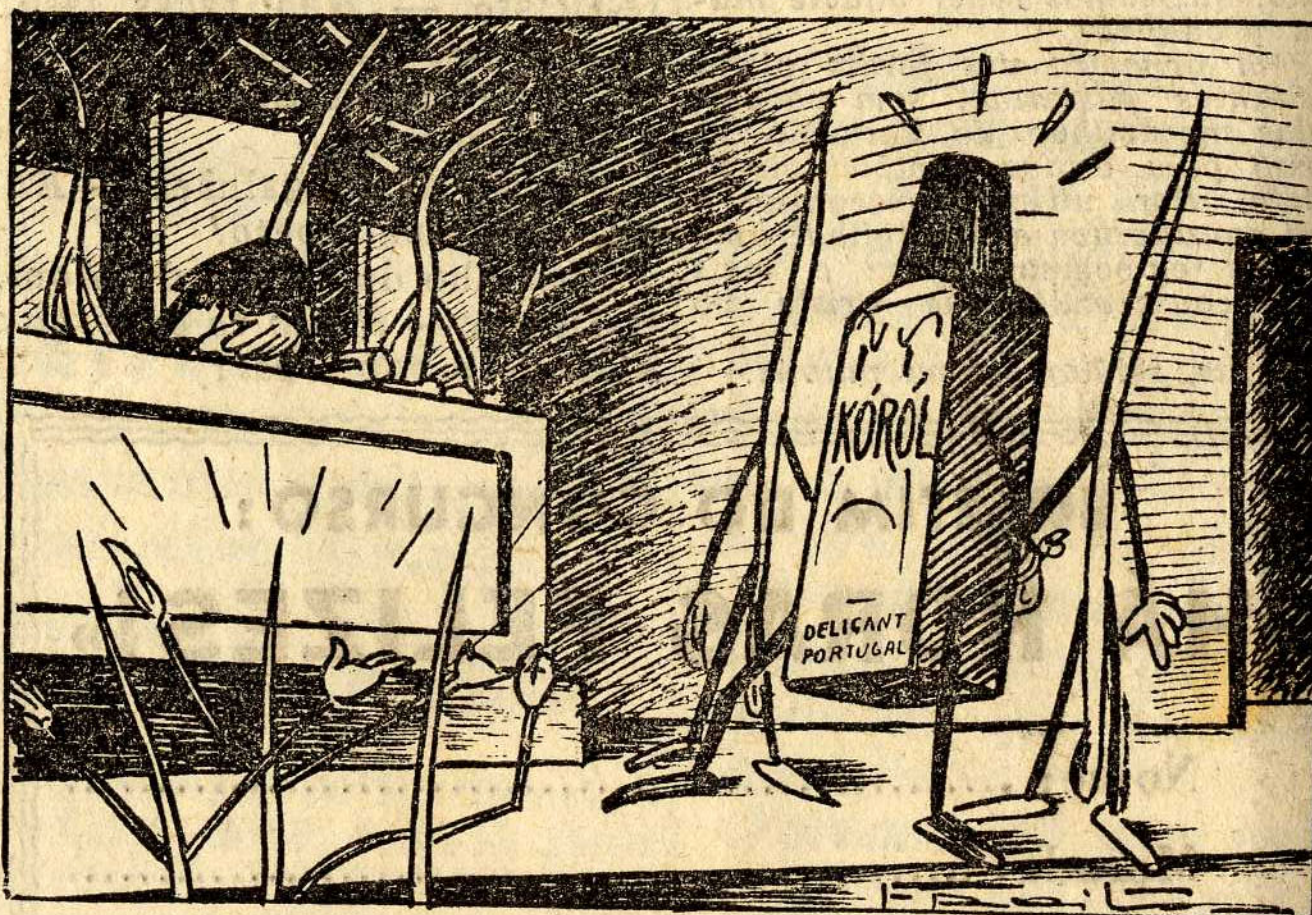
Aqui está um menino que ao nascer já conhecia GLYCOL como ideal da pele para as crianças...



Só usa KÓRÓL... porque no país dos cabelos brancos quem usa KÓRÓL é rei



Até o velho Mathusalém apesar dos seus seiscentos anos não tem um unico cabelo branco porque usa KOROL



É sempre condenado nos tribunais do país dos cabelos brancos por ter sido revelado como o maior inimigo da vida dos cabelos brancos.

À venda nas perfumarias MIMOSA e ROSA D'OURO — Rua Aurea — Lisboa